



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

SÉRGIO AUGUSTO SANTOS DE PALMA

**CLUBES DE LEITURA: UM ESTUDO DAS POTENCIALIDADES FORMATIVAS
DO CLUBE DE LEITURA LIV/UFOPA NA CIDADE DE SANTARÉM- PARÁ**

**SANTARÉM-PA
2020**

SÉRGIO AUGUSTO SANTOS DE PALMA

**CLUBES DE LEITURA: UM ESTUDO DAS POTENCIALIDADES FORMATIVAS
DO CLUBE DE LEITURA LIV/UFOPA NA CIDADE DE SANTARÉM- PARÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa para obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Linguagens e Tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Zair Henrique Santos;
Coorientadora: Profa. Dra. Fabíola Ribeiro Farias

**SANTARÉM-PA
2020**

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) da UFOPA
Catalogação de Publicação na Fonte. UFOPA - Biblioteca Unidade Rondon

Palma, Sérgio Augusto Santos de.

Clubes de leitura: um estudo das potencialidades formativas do Clube de Leitura LIV/UFOPA na cidade de Santarém-Pará / Sérgio Augusto Santos de Palma. - Santarém, 2020.

78f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação.

Orientador: Zair Henrique Santos.

Coorientador: Fabíola Ribeiro Farias.

1. Formação. 2. Leitura de Literatura. 3. Clube de Leitura. I. Santos, Zair Henrique. II. Farias, Fabíola Ribeiro. III. Título.



Universidade Federal do Oeste do Pará
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA Nº 56

Aos vinte e oito dias do mês de agosto do ano de 2020, às 17:00 horas, por meio de videoconferência, reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as) Drs(as). Prof. Dr. Zair Henrique Santos (orientador e presidente), Profa. Dra. Ana Maria Vieira Silva (membro externo), Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto (membro interno) e Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira (membro interno) a fim de arguirm o mestrando Sérgio Augusto dos Santos de Palma, com a dissertação intitulada Leitura e formação: um estudo sobre o impacto na formação de jovens a partir da participação na coordenação de um clube de leitura de Santarém. Aberta a sessão pelo presidente, coube ao candidato, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, em seguida a banca fez as arguições, o candidato respondeu e, após as deliberações na sessão secreta foi:

Aprovado, fazendo jus ao título de Mestre em Educação.

Reprovado

Ana Maria Vieira Silva

Dra. ANA MARIA VIEIRA SILVA, UFOPA

Examinadora Externa ao Programa

Percival Leme Britto

Dr. LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO, UFOPA

Examinador Interno

Dra. EDIENE PENA FERREIRA, UFOPA

Examinadora Interna

Zair Henrique Santos

Dr. ZAIR HENRIQUE SANTOS, UFOPA

Presidente

Sérgio Augusto Santos de Palma

SÉRGIO AUGUSTO SANTOS DE PALMA

Mestrando

À minha mãe, Maria Rosalina, que até hoje não mede esforços para me dar apoio e condições para que eu possa alcançar meus objetivos.

À minha esposa, Mayara, que agarrou meu sonho de fazer o mestrado como se fosse dela, que fez meus dias mais leves e me amou incondicionalmente.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a pessoas sem as quais eu não conseguiria realizar este trabalho. Foi com o apoio delas que consegui levantar em momentos que achei não conseguiria, por isso destaco aqui minha gratidão:

Aos professores Fabíola Farias e Luiz Percival Leme Britto, (co)orientadores, que se dispuseram a apontar caminhos e a orientar minha caminhada durante todo o período da pesquisa. Cada momento, cada conversa certamente edificaram minha compreensão desse novo mundo ainda pouco conhecido por mim.

Ao professor Zair Henrique Santos, meu orientador, que tem me acompanhado ao longo de mais de quinze anos. Sua amizade, conselhos e sabedoria serviram de inspiração para que eu sempre buscasse o melhor para minha formação acadêmica e crescesse como ser humano.

À Universidade Federal do Oeste do Pará, que me concedeu afastamento integral, permitindo com que eu me dedicasse da melhor maneira possível à minha pesquisa. Agradeço especialmente ao Diretor do Instituto de Ciências da Educação professor Edilan Quaresma, as minhas amigas e colegas de trabalho Danielle Caroline Batista e Miriany Aroucha, que me apoiaram incondicionalmente.

Ao grupo de estudos Lelit, por ter me recebido tão bem, em especial aos membros do Clube de leitura Ler, Interagir e Viver-LIV: Daiane Samara Bezerra, Gisele Gomes, Juliane Cota, Joyce Mila Batista, Lucas William Siqueira, Caê Oliveira, Larissa Viana, Lumena Soares e Thayla Siqueira, pessoas que fizeram com que estes dois anos se tornassem uma experiência inesquecível. São de jovens como vocês que a humanidade precisa.

Aos meus amigos de faculdade com quem iniciei minha carreira acadêmica e que me ajudaram em muitos momentos de dificuldades, em especial, a Miriam Lane Oliveira, Suelen Rocha, Fabiane Rabelo, Lívea Amazonas, José Augusto Leal e a Adriane Barroso.

A minha Esposa Mayara de Palma, que foi quem viu de perto meus piores e melhores momentos ao longo destes dois anos, e mesmo assim nunca largou minha mão. Seu apoio foi fundamental para que eu chegasse até aqui. Amo você!

A minha família, meus irmãos Kenio, Kelvys, Alexandre, Calebe e meus pais Valdo e Rosa que não mediram esforços para me dar condições para que pudesse ter o melhor deles e que nunca deixaram que nada faltasse. Obrigado por me darem a base para eu ser quem sou, por serem exemplo de luta e persistência. O legado de vocês jamais será esquecido, pois o amor e o carinho marcam nossa alma.

RESUMO

Os clubes de leitura têm se revelado importantes meios de promoção da leitura em vários países do mundo. Seus modos de realização revelam diversas formas de ver e pensar a leitura no meio social, dentre as quais se destacam a leitura como entretenimento, como prática utilitarista e, em alguns casos, a leitura como instrumento de formação humana. O presente trabalho busca apresentar como a realização das atividades em espaço de clube de leitura reflete no processo formativo dos seus participantes. A investigação foi realizada no âmbito do clube de leitura Ler, Interagir e Viver- LIV/Ufopa, espaço no qual, além de investigador, assumi o papel de participante, para que acompanhasse de perto o desenvolvimento das ações e a formação do grupo. Por se tratar de um objeto ainda pouco estudado no Brasil, a pesquisa necessitou de bases importantes para a reflexão, o que nos levou à realização de um levantamento conceitual, no qual apresentamos reflexões sobre clube de leitura, leitura e formação. Assim, partindo da perspectiva formativa, implementamos e acompanhamos as atividades do clube de leitura LIV ao longo de um ano e meio, o que permitiu apontar, dentro das ações, as dificuldades encontradas pelo grupo, as potencialidades formativas, bem como identificar momentos importantes no desenvolvimento, principalmente da equipe coordenadora.

Palavras chaves: Formação. Leitura Literatura. Clube de Leitura.

ABSTRACT

Reading clubs have been seen as important ways of promoting reading in several countries around the world. Its modes of realization reveal several ways of seeing and thinking about reading in the social environment, among which reading stands out as entertainment or as a utilitarian practice and, in some cases, reading as an instrument for human formation. Within this perspective, this paper aims to present how the activities in a reading club space are reflected in the training process of its participants. This investigation was carried out within the scope of the Ler, Interagir e Viver-LIV-Ufopa reading club, a space in which, in addition to being a researcher, I was also a participant, so that I could monitor the development of actions and the formation of the group. As this theme is still new in Brazil, this study required important base for reflection, which led us to conduct a conceptual survey, through which we present important reflections on reading clubs, reading and training clubs. To conduct our research, we considered both historical-cultural and Critical Theory elements. Thus, starting from the formative perspective as defended by Adorno (1995), we implemented and monitored the activities of the LIV reading club over a year and a half, which, within the actions, points out the difficulties faced by the group, as training potentials, as well as to identify important moments related to the development of the group, especially of the coordinating team.

Keywords: formation; Reading club; reading;

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

FNLIJ	Fundação nacional do Livro Infantil e Juvenil
LIV	Ler, Interagir e Viver
Lelit	Grupo de Pesquisa Estudos e Intervenção em Leitura, Escrita e Literatura na Escola
Pibic-EM	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Ensino Médio
Ufopa	Universidade Federal do Oeste do Pará

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1 CLUBES DE LEITURA	13
1.1 As Raízes dos Clubes de Leitura	13
1.2 Clubes de Leitura: Definições	16
1.3 Clubes de Leitura: Modos de Funcionamento	19
1.4 Clubes de Leitura: Objetivos	25
2 OS CLUBES NA PRÁTICA	27
3 O CLUBE DE LEITURA LIV	31
3.1 Criação do clube e público-alvo	31
3.2 Objetivos do LIV e Seus Impasses	32
3.3 Visão de Leitura	34
3.4 Público-alvo	36
3.5 Espaços de Realização	37
4 FORMAÇÃO PELA LEITURA	39
4.1 Formação	39
4.2 Leitura e Formação	43
4.3 A Leitura de Literatura no Processo de Formação	46
5 PERCURSO METODOLÓGICO	50
5.1 O Clube de Leitura como Lugar de Pesquisa	50
5.2 O Pesquisador	52
5.3 A Revisão Bibliográfica sobre Clubes de Leitura	57
5.4 O Levantamento dos Clubes de Leitura na Internet	58
5.6 Discussão Conceitual sobre Leitura e Formação	61
REFERÊNCIAS	74

APRESENTAÇÃO

A leitura e a escrita estão na centralidade do trabalho educativo e são os instrumentos perenes de produção, registro, guarda e acesso ao conhecimento ao longo do tempo e do espaço. Seu ensino e aprendizagem extrapolam as políticas educacionais e recebem, com outras abordagens, atenção de diferentes instâncias, muitas vinculadas a projetos culturais. Os clubes de leitura estão na intersecção das políticas educacionais e culturais e vêm ganhando espaço nas ações de promoção da leitura e formação de leitores. Resumida e superficialmente, podem ser entendidos como a formação de grupos de pessoas que se reúnem periódica ou frequentemente para falar de textos.

A iniciativa tem ganhando força nas últimas décadas em países como Espanha, Portugal, Estados Unidos, Colômbia e Brasil. Os clubes de leitura são exemplo dessas ações em grupo com foco em textos escritos, que se oferecem como alternativa à leitura individual e solitária, pois permitem uma gama de possibilidades que, de acordo com seu contexto de formação, atendem a demandas e necessidades específicas.

Entretanto, muitas dessas ações seguem, de maneira irrefletida, os discursos imperativos sobre leitura, como a leitura como entretenimento ou utilitarismo, trazendo como consequências foco excessivo na ludicidade e pragmatismo, reduzindo o seu potencial formativo.

No Brasil, há clubes de leitura nos mais diferentes formatos e modos de funcionamento, com encontros presenciais ou virtuais, sexo, idade, textos escolhidos (alguns focam em textos de língua estrangeira, outros em obras do cânone literário, *best sellers*, histórias em quadrinhos), origem (alguns se formaram em instituições educacionais, como escolas ou universidades, outros se realizam em grupos na WEB); há clubes comunitários e temáticos, como os vinculados a livrarias e editoras, além dos que elegem recorte específico de leitura, como o Leia Mulheres, que visa ao incentivo de leitura de obras escritas por mulheres. De maneira geral, a maioria tem como eixo a leitura de obras literárias.

Enfim, os clubes de leitura têm como objetivo a leitura, reflexão e discussão, através da socialização, nas reuniões do grupo, de obras literárias.

Em um contexto em que a ordem vigente tende a isolar as pessoas, principalmente em função das longas jornadas de trabalho, e, especialmente no que toca a adolescentes, pelo uso intenso de produtos da indústria cultural em computadores e *smartphones*, os clubes de leitura propõem um movimento contrário, mesmo quando têm o suporte da internet. Independentemente da motivação inicial – livros ou encontros –, os clubes apresentam potencial de

agregar os indivíduos, promovendo diálogos e vivências partilhadas a partir de uma leitura comum. Assim, apresentam-se como potentes instrumentos de formação, criando condições para que seus participantes reflitam, discutam e indaguem sua visão de mundo.

É da perspectiva de que os clubes de leitura representam potenciais espaços de diálogo, diversidade e conhecimento, que realizei estudo que visou acompanhar de maneira contínua e sistemática as ações de um clube de leitura, a fim de compreender se e como o processo formativo pode ocorrer, identificando potencialidades e dificuldades. Nesse sentido, tomamos como objeto o clube de leitura Ler, Interagir e Viver-LIV, do qual participei do planejamento e implementação das ações ao longo de um ano e meio.

Proposta nascida dentro do grupo de Pesquisa, Estudos e Intervenção em Leitura, Escrita e Literatura na Escola- Lelit/Ufopa, a criação de um clube de leitura como espaço formativo surgiu da existência prévia de um clube de leitura e da ideia de expandir suas ações, de modo a integrá-lo de maneira efetiva à proposta de trabalho do Lelit. A ideia era, junto a um trabalho sistemático e intencional com os participantes, desenvolver e acompanhar ações de leitura, promovendo momentos reflexivos e democráticos com temáticas importantes na formação humana.

Partimos do pressuposto de que, para além de meio para se evadir do mundo ou se inserir na ordem social, a leitura literária é parte da formação humana, e que, por meio de um espaço democrático, a leitura compartilhada contribui com a constituição da sensibilidade e pensamento crítico, possibilitando posicionar-se perante à realidade.

De modo a detalhar como este trabalho ocorreu e que elementos norteadores tomamos para aprofundar as análises, organizamos o presente relato em seis capítulos.

O primeiro capítulo subdividido em quatro seções traz o panorama histórico dos clubes de leitura, as definições encontradas, os objetivos e breve apresentação do papel do coordenador dos clubes – elementos que nos deram bases para melhor compreender o que são os clubes de leitura e a importância do seu papel formativo.

O segundo capítulo, de modo a conhecer a realidade brasileira, apresenta um quadro com o levantamento dos clubes de leitura com páginas na internet, destacando objetivos, público alvo, visão de leitura, espaço de realização e coordenação.

O terceiro, dividido em cinco seções, apresenta a história de criação do LIV, seus objetivos, dificuldades encontradas no decorrer de sua implementação, visão de leitura, público-alvo, mudanças ocorridas no perfil do público assistido e os espaços de realização. O capítulo é resultado das observações e do acompanhamento ao longo de um ano e meio das ações do clube e traz reflexões importantes sobre suas potencialidades e limites.

O quarto capítulo, dividido em quatro seções, trata da “Formação pela leitura”, com base, principalmente, em dois autores: Adorno (1995), que traz importantes contribuições sobre formação, e Britto (2003, 2012 e 2015), que apresenta reflexões sobre leitura e formação pela leitura. As ponderações desses autores serviram de base para as discussões de todo o trabalho. A partir disso, apresenta-se análise das visões predominantes de leitura utilizadas para atrair participantes aos clubes, de modo a refletir sobre as condições de realização da leitura e as possibilidades de formação, ao mesmo tempo em que exponho como a leitura de literatura tem sido vista, para, então, apresentá-la enquanto manifestação cultural e artística, fruto de intenso trabalho que pode servir de instrumento para uma formação integral.

O quinto capítulo, dividido em quatro seções, aborda os procedimentos metodológicos realizados na investigação, destacando o uso da pesquisa participante, o percurso do pesquisador durante a investigação, a apresentação da pesquisa de clubes de leitura com páginas na internet e a revisão conceitual sobre leitura e formação. Nesta seção, realçamos os usos destes elementos para traçar a reflexão sobre o processo formativo e, ao mesmo tempo, nortear as observações e intervenções no clube, permitindo autorreflexão do pesquisador e a análise das potencialidades do LIV.

No sexto e último capítulo estão os principais pontos observados em relação ao clube de leitura LIV, como acesso a obras, participação, ações realizadas pelo clube, conjugando-as à atuação da equipe coordenadora para, por meio da análise crítica das potencialidades e dificuldades encontradas, apontar as mudanças ocorridas no grupo, como essas transformações se traduziram em ações formativas.

1 CLUBES DE LEITURA

1.1 As Raízes dos Clubes de Leitura

Desde muito cedo, o ser humano sentiu a necessidade das práticas em grupo. O compartilhamento de saberes acumulados ao longo da vida, no sentido de preservar a própria existência, é um bom exemplo disso. No âmbito da cultura letrada, as reuniões em torno da palavra escrita revelaram, além da necessidade, a capacidade destes indivíduos de pensar e refletir as coisas da vida.

A humanidade compartilhou suas histórias desde os tempos antigos, muito antes da leitura silenciosa ser uma prática prolongada. Por sua vez, e como um correlato natural, tem surgido a necessidade de expressar opiniões, sensações e interpretações que essas histórias produzem em seus receptores, passando de instância privada a evento público¹. (CARREÑO, 2015, p. 13, tradução nossa).

Essas práticas, ao longo da história, foram assumindo as mais diversas características. Na Grécia Antiga, aprendia-se a decorar e a recitar trechos de obras, como as de Homero; na Idade Média, em grande parte da Europa, quando “a escrita era privilégio de sacerdotes, escribas e demais pessoas ligadas a funções hierárquicas, a leitura era, por definição, uma prática oral e coletiva” (FERNANDES, 2019, p. 1).

No Brasil há diversos registros de encontros em grupo em torno da palavra escrita desde a época colonial, com a literatura jesuítica do Padre José de Anchieta, recitada em eventos religiosos (segunda metade do séc. XVI); no Barroco e Arcadismo (séc. XVII e XVIII) também há registros de reuniões com essas características em Salvador, Ouro Preto e Mariana, quando grupos se reuniam para discutir arte e política. Um desses grupos ficou famoso por organizar a Inconfidência Mineira. Dentre estas reuniões, as tertúlias literárias, os círculos de leitura e os saraus ganharam fama e permanecem em nossa sociedade, influenciando de maneira marcante os clubes de leitura.

Para melhor compreensão das influências destes espaços na dinâmica dos clubes de leitura, apresentamos breve caracterização do que são as tertúlias, os círculos e os saraus.

De maneira geral, as tertúlias foram espaços formados por grupos membros de uma mesma família, amigos ou pessoas com opiniões e gostos parecidos que promovem em reuniões

¹ La humanidad ha compartido sus historias desde tiempos remotos, mucho antes de que la lectura silenciosa fuera una práctica extendida. A su vez, y como correlato natural, ha surgido la necesidad de expresar las opiniones, sensaciones e interpretaciones que estas historias producen en sus receptores, pasando de ser una instancia privada a un hecho público.

regulares de compartilhamento de experiências artísticas, como poesia, música e narração de histórias tradicionais. Em ambientes de elite econômica, as tertúlias tornaram-se famosas por serem lugar de encontro de intelectuais. Os círculos de leitura, por sua vez, eram espaços em que se reuniam membros da elite econômica e política para ouvir a leitura de livros em voz alta. Em versões populares, pessoas sem ou com pouco acesso a livros, que sequer sabiam ler, participavam de encontros de leituras públicas por andarilhos que iam de povoado em povoado (GUERRA; JIMENEZ, 2005, p. 4).

O mais famoso dos espaços em torno da cultura, o sarau, era um movimento cultural que tinha nos encontros coletivos uma maneira de fruição artística. Comumente realizado ao cair da tarde, tinha como intuito a realização de apresentações artísticas de dança, música, declamação de poemas e cenas teatrais. No Brasil, a cultura do sarau foi trazida pela Família Real portuguesa em 1808, seguindo o modelo francês, de estilo bastante festivo, característica que permanece até hoje (STEFANNEL, 2013).

De maneira geral, essas manifestações têm em comum o encontro de pessoas em torno da experiência artística, o que revela a tendência de não isolamento e o caráter dialógico da fruição cultural. Parece claro que tertúlias literárias, círculos de leitura e saraus cumpriam e cumprem a missão do encontro e da partilha, tendo a arte como elemento catalizador.

Considerados uma versão moderna, que herda muitas das características das tertúlias literárias, círculos de leitura e saraus, os clubes de leitura não têm origem precisa. Carreño (2015) lança a hipótese de que as mudanças nos hábitos de leitura e o acesso ampliado a livros, bem como o maior número de pessoas alfabetizadas, sustentados pela necessidade de convívio social, criaram condições favoráveis para o surgimento dos clubes de leitura. Passos (2017, s/p), por sua vez, defende uma origem um pouco mais antiga dos clubes de leitura:

Nem todos os participantes sabem, mas os clubes de leitura de hoje, têm seus ancestrais no século 18, quando grupos puritanos americanos se reuniam para estudar a Bíblia e aristocratas e burgueses franceses se encontravam em palacetes para ler livros e discutir as novidades intelectuais.

Bortolin e Santos (2014, p. 155), ao usar como sinônimos os termos clube do livro e clube de leitura, destaca que a história destes espaços está mais ligada ao mercado livreiro e à indústria cultural do que à promoção da leitura e formação de leitores. Citando Milton (2002), destaca que “no Brasil o clube do livro, constituído como empresa, teve suas atividades iniciadas no ano de 1943. Publicava livros mensalmente com preços aproximadamente a um terço dos livros vendidos nas livrarias.” (apud BORTOLIN; SANTOS, 2014, p. 155).

Ao apontar essa questão, o autor traz um ponto digno de reflexão: o uso dos termos clubes de leitura e clubes do livro, como atividades correlatas. No entanto, durante o levantamento conceitual encontramos autores que trazem diferenciações importantes e bastante esclarecedoras a respeito disso.

De acordo com Sánchez-Sánchez (2005, p. 13):

Os clubes do livro são um tipo de iniciativa editorial prestes a completar 90 anos, desde o seu nascimento na Alemanha em 1916, firmemente estabelecido e atualizado no uso de novas tecnologias, e atendendo a um segmento não desprezível do público, como estimável também e seu faturamento.

Rojo (2008) destaca essa origem em contextualização histórica bastante pontual, relatando a necessidade de uma família alemã de reerguer sua editora em meio a um país devastado pela guerra, tendo como principal iniciativa, em 1919, a venda de livros a baixo custo.

No Brasil, os clubes do livro vêm se multiplicando e se apresentando como possibilidade de sobrevivência no mercado editorial. Alguns desses clubes apresentam números expressivos quanto à clientela, como o TAG², o Leiturinha³, o Quindim⁴, e o Panaceia⁵. Assim, os clubes do livro têm viés mercadológico e como principal objetivo o incremento nas vendas de livros. Por isso, estão vinculados a empresas do ramo editorial. O negócio consiste em oferecer um serviço pago na modalidade de assinatura periódica, em que livros escolhidos por terceiros, muitas vezes por artistas, escritores e intelectuais de reconhecido prestígio, são entregues pelo correio em casa para os assinantes.

Fica evidente a diferença entre as atividades e finalidades do clube do livro e do clube de leitura: o primeiro, ao se apropriar do discurso de que “ler é bom”, usa o livro como mercadoria, para ampliar suas vendas e, portanto, seus lucros, pouco importando se o produto vai ser lido ou não; o segundo cria espaços de encontro e discussões em torno da leitura.

Deste modo, clube do livro e clube de leitores têm origens e finalidades distintas, não podendo ser tratados comuns. Os clubes de leitura, embora imprecisos quanto à origem e com características fluidas e informalidade quanto a sua constituição, têm se mostrado importantes espaços de encontro, discussão e reflexão em torno do livro. Com a proposta de formar

² TAG: nascido em 2014, é voltado para público jovem e adulto. Teve significativo crescimento nos últimos anos e, em 2017, registrava a marca de 20 mil assinantes. (<https://taglivros.com>).

³ Leiturinha: criado em maio de 2014, é o primeiro clube do livro voltado ao público infantil no país. Atende, atualmente, mais de 100 mil assinantes (<https://leiturinha.com.br/blog/clube-do-livro/>).

⁴ Quindim, criado em 2014, é um clube do livro voltado para o público infantojuvenil; realiza formações no Brasil e em outros países, em parceria com bibliotecas, hospitais, escola. (<https://www.clubequindim.com.br/institucional.asp?id=31>).

⁵ Panaceia: tem a proposta de ofertar de livros mais densos e de cunho filosófico (<https://www.panaceia-clube.com.br>).

um grupo de pessoas para ler e conversar sobre literatura, buscam atender a diversas demandas e proposições específicas, dependendo do contexto de sua formação e, especialmente, da motivação de seus participantes.

No entanto, justamente por conta de estar presente tanto em ambientes formais de educação, como escolas, universidades e bibliotecas, quanto em ambientes não formais, como igrejas, associações comunitárias, cafés, livrarias e internet, os clubes de leitura apresentam características heterogêneas que originam uma série de compreensões que carecem de reflexão e sistematização conceitual.

Neste sentido, apresentamos alguns dos elementos mais recorrentes na definição dos clubes de leitura encontrados na bibliografia sobre o tema, procurando abranger suas definições, principais características, objetivos e público-alvo.

1.2 Clubes de Leitura: Definições

Os clubes de leitura, por terem caráter, em muitos casos, informal e com muitos modos de realização, apresentam-se como um campo pouco explorado, principalmente no Brasil, e constituem relevante objeto de pesquisa no campo da leitura. A revisão bibliográfica revela que os clubes têm definições diversas, mas com características comuns. Para a compreensão do que vem a ser um clube de leitura, buscamos identificar e organizar em categorias os traços mais comuns na produção bibliográfica brasileira, latino-americana e espanhola.

O primeiro elemento é o que se entende por clube de leitura. Mesmo com definições divergentes, é possível encontrar características comuns em diversos autores sobre a função da leitura e, por consequência, dos objetivos do ato de levar a ler.

Carreño (2015, p. 40), entende que “para o nascimento de um clube de leitura não é necessária mais do que a vontade de reunião regular de um grupo de leitores que pretendem expressar e receber as opiniões em uma ou várias leituras” (tradução nossa)⁶. Apesar da definição não aprofundada, o autor percebe esse encontro como poderosa ação de promoção da leitura, que potencializa as discussões e o entendimento da obra pela interação. O clube seria uma atividade liberta das obrigações formais e expressa por uma vontade de ler que se legitima no coletivo. Sua compreensão de um clube de leitura se define como movimento nuclear de reuniões regulares de um grupo de pessoas para discussão de obras literárias, perpassa a reflexão de outros autores.

⁶ Para el nacimiento de un club de lectura no hace falta más que la voluntad de encuentro regular de un grupo de lectores que pretenden expresar y recibir las opiniones vertidas sobre una o varias lecturas.

Aranda e Galindo, citados por Álvarez-Álvarez (2016, p. 93), afirmam que:

Os clubes de leitura são redes de pessoas, geralmente consumidores de literatura, que se reúnem para comentar sobre uma obra que eles escolheram. Para lê-la, um quadro temporal é acordado (mensalmente, geralmente). Podem ser obras de todos os tipos podendo ser propostas pelos participantes ou pelo coordenador.⁷ (tradução nossa).

Aderindo à definição de Aranda e Galindo (2009), Álvarez-Álvarez (2016) acrescenta que os clubes são lugares de liberdade, abertos a pessoas de todas as idades, sexo, cultura e formação acadêmica, para dialogar de forma igualitária e democrática.

Blanca Calvo (2012), em *Receta para um club de lectura*, ratifica os entendimentos anteriores e acrescenta um aspecto importante sobre a formação e o funcionamento dos clubes de leitura: a experiência pessoal e individual dos participantes, a partir do encontro com a obra literária, mobilizando suas vivências, expressas por relatos identificados com as narrativas em questão.

Um clube de leitura é um grupo de pessoas que leem um livro ao mesmo tempo. Cada um faz isso em casa, mas uma vez por semana, em um dia e horário determinados, todos se reúnem para discutir as páginas avançadas da reunião anterior. As reuniões discutem o que foi lido em casa: o estilo literário, a ação em si, os personagens ... e é bastante comum derivar do livro para as experiências pessoais dos membros do clube.⁸ (CALVO, 2012, p. 01).

Ao detalhar a forma de funcionamento do clube, Blanca Calvo evidencia um tipo específico de encontro – o semanal –, quando as leituras não são integrais, avançando-se paulatinamente em número de capítulos pré-acordados. Em linha semelhante a dos demais autores, esse autor define o clube de leitura como um lugar para onde os participantes levam suas experiências e, durante os encontros, vivem novas, ao entrar em contato com outros participantes, em um diálogo em torno da temática dos livros.

Bortolin e Almeida Júnior (2011) trazem como contribuição a percepção da heterogeneidade dos clubes de leitura, especialmente dos organizados em ambientes não institucionais, no que toca a sua composição, destacando a presença de participantes com diferentes experiências leitoras:

Clube de leitura é toda iniciativa de um grupo de leitores experientes ou iniciantes, tendo como característica básica a realização de reuniões periódicas, presenciais ou

⁷ Los clubs de lectura son redes de personas, generalmente consumidoras de literatura, que se reúnen periódicamente para comentar una obra que han elegido. Para leerla se acuerda un marco temporal (mensual, generalmente). Pueden ser obras de todo tipo y son propuestas por los participantes o por la persona coordinadora.

virtuais com a finalidade de ler e discutir determinado texto/livro, em sua maioria, literários. (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2011, p. 7).

Os autores destacam o fato de que a criação de um clube de leitura pode surgir tanto de interesses de pessoas com a experiência de leitura literária, quanto de pessoas em aproximação inicial com a leitura e aos livros, com reuniões presenciais ou virtuais, permitindo a abrangência ampla de participantes e evidenciando um viés importante para os clubes de leitura na atualidade: distintas possibilidades de participação.

Por ser prática fortemente marcada pela convivência social e interação, os clubes de leitura configuram, segundo Lacruz e Garcia (2016, p. 584), espaços de lazer:

Os clubes de leitura são um tipo de prática cultural e recreativa hoje usual. Eles desenvolvem atividades que envolvem um grande número pessoas que se reúnem com frequência e periodicamente ao longo de período de tempos muito extensos e desfrutam de reconhecimento e prestígio entre os cidadãos.⁹

O caráter recreativo dos clubes tem se sustentado nos discursos da leitura enquanto prazer e descomprometimento, o que se tornaria atrativo a pessoas, especialmente jovens, que, na maioria das vezes, têm na leitura referência de obrigatoriedade, marcada pela experiência escolar. Ao relacionar a leitura ao prazer, Lacruz e Garcia (2016) postulam que o clube de leitura permitiria o acesso à cultura de forma lúdica. Os autores destacam a atenção e o prestígio que os clubes de leitura recebem, tendo como contexto a Espanha. Segundo eles, os clubes fortalecem os vínculos dos participantes com as bibliotecas, bem como seus interesses em atividades culturais, além de movimentar o mercado livreiro local.

Sem rejeitar as definições apresentadas pelos autores, que se resumem a descrições operacionais sobre os clubes de leitura, mas também sem se dedicar a elas, ao definir a atividade, Castrillón (2007) se debruça sobre aspectos políticos, destacando a importância de maior participação do indivíduo no meio social, não como consumidor, mas como cidadão, e o papel da leitura e da escrita nesse sentido.

Daí a importância da existência de lugares onde, por meio de uma prática socializada da leitura, a apropriação da cultura escrita é possível, onde os participantes atuam como sujeitos ativos de um processo que lhes permite descobrir, de um lado, suas potencialidades como leitores e escritores, condição necessária para acessar a cultura escrita, e por outro lado, que a leitura diz respeito a eles, os chama e eles precisam,

⁹ Los clubes de lectura constituyen un tipo de práctica cultural y recreativa bastante usual en la actualidad. Desarrollan actividades que involucran a un número amplio de personas, que se reúnen frecuente y periódicamente a lo largo de periodos de tiempo muy extensos, y gozan de reconocimiento y prestigio entre la ciudadanía.

porque o que observamos é que a maioria das pessoas se sente rejeitada pela leitura¹⁰. (CASTRILLÓN, 2007, p. 9).

A autora apresenta um ponto de vista no qual as ações dentro do clube são pensadas no intuito de formar não somente o leitor, mas um cidadão que, consciente da importância de ler e escrever, transcenda discursos vagos de promoção da leitura e encontre nela um elo com sua realidade, tornando-se, mais que um sujeito que discute livros e histórias, alguém que pensa a vida. Diferentemente dos demais, Castrillón (2007) recusa argumentos como ludicidade, recreação ou hedonismo, ao contrário, propõe a socialização da leitura como exercício de criticidade e de apropriação da cultura, enfatizando seu caráter político.

De modo geral, todas as concepções expostas apresentam ao menos três elementos que parecem compor uma base para a constituição de um clube de leitura: a reunião periódica de pessoas, a leitura de uma obra e a discussão sobre elas, que serão apresentados à luz da produção bibliográfica sobre o tema.

1.3 Clubes de Leitura: Modos de Funcionamento

Por terem origens distintas, os clubes de leitura apresentam modos de funcionamento diversos, que variam em função de seus objetivos, público, vínculo institucional. Mas, de maneira geral, apresentam traços comuns em sua dinâmica.

Os encontros costumam ser realizados a partir da escolha de um livro ou texto, indicado pela coordenação ou sugerido pelos participantes. No primeiro momento, a obra é apresentada ao grupo, com comentários sobre a autoria e contexto de publicação, seguido por leituras de fragmentos em voz alta pelos participantes e de comentários que podem surgir no próprio grupo ou partir do coordenador, constituindo o núcleo do encontro. Nem todo grupo conta com a presença de um coordenador, mas há sempre alguém responsável pela mobilização dos participantes e pela organização dos encontros. Vale ressaltar que a reunião de pessoas para a formação de um clube surge de adesão, em muitos casos, voluntária, principalmente quando o clube não está ligado a ambientes formais de educação, com ações menos formais e participação aberta de seus membros.

¹⁰ Los clubes de lectura constituyen un tipo de práctica cultural y recreativa bastante usual en la actualidad. Desarrollan actividades que involucran a un número amplio de personas, que se reúnen frecuente y periódicamente a lo largo de periodos de tiempo muy extensos, y gozan de reconocimiento y prestigio entre la ciudadanía. cesaria para acceder a la cultura escrita, y por otra, que la lectura les concierne, los convoca y que necesitan de ella, pues lo que observamos es que la mayoría de las personas se sienten rechazadas por la lectura.

As reuniões periódicas promovem contato contínuo entre os membros do clube, criando um ambiente em que as pessoas construam um espaço de interação, no qual o indivíduo possa sair do isolamento, expondo opiniões, conhecendo outros pontos de vista, apropriando-se do texto de maneira mais ampla do que faria isoladamente.

Com relação à escolha de títulos a serem lidos e discutidos nos encontros do clube, são muitos os aspectos a serem observados, tendo como principais determinantes os objetivos e a composição do grupo (ÁLVAREZ-ÁLVAREZ, 2016). Existem clubes em que os membros leem uma mesma obra e apresentam impressões distintas sobre a narrativa e outros em que as obras são escolhidas individual e livremente, produzindo discussões abertas sobre diferentes temas, narrativas e autorias.

Blanca Calvo (2012), que se dedica a pensar clubes de leitura em bibliotecas e, portanto, preocupa-se com a disponibilização de livros para os encontros, ao tratar de compras para atendimento de demandas, estabelece critérios de seleção de livros. Os critérios que estabelece podem ser utilizados, por aproximação, para escolhas no âmbito do clube. As escolhas dos títulos devem ser coletivas, compartilhando a responsabilidade com todos os envolvidos. É importante que os livros sugeridos para leitura no clube sejam previamente lidos e analisados por quem participa da seleção.

Preocupada com o caráter efêmero de livros de grande exposição na mídia e, por isso, muito atraentes, especialmente para os jovens, a autora chama a atenção para a necessidade de escolha cuidadosa, elegendo as obras que, por sua temática e qualidade literária, sobrevivem aos modismos, destacando a importância da leitura dos clássicos, mesmo sabendo que estes enfrentam resistências do público jovem, em função de leituras escolares que não tenham se tornado boas experiências.

Calvo (2012) ressalta temas que, de maneira geral, despertam maior interesse de leitura, como vida cotidiana, atualidade, culturas longínquas e exóticas. O importante é que os leitores tenham em mãos boas edições e que os livros escolhidos não sejam demasiadamente extensos. Como sugestão, propõe que as obras não ultrapassem seiscentas ou setecentas páginas e que o diálogo da literatura com outras artes, como a exibição e a discussão de filmes inspirados em obras literárias, seja contemplado nas atividades do clube.

Carreño (2015), ao refletir sobre a escolha de livros para clubes de leitura, destaca que ela não deve ser realizada tendo em vista a satisfação imediata dos leitores nem o atendimento a padrões pré-estabelecidos, a partir da ideia que se tem de determinados grupos, pois cada leitor teria um horizonte de leitura e expectativa e, portanto, seria limitador fechar as opções de leitura no intuito de agradar a todos.

Não temos que selecionar os títulos pensando em contentar os membros do clube, nem escolhê-los procurando neles alguns parâmetros preestabelecidos que possam nos levar a pensar que agradarão a maioria dos participantes¹¹. (CARREÑO, 2015, p. 108-109; tradução nossa).

O ponto central dos encontros de um clube de leitura é o compartilhamento das obras, momento em que os participantes expõem suas impressões de leitura, propiciando um ambiente de troca, releitura, aprendizado, conhecendo diferentes pontos de vista, aprofundando seu entendimento sobre a obra literária e do ato de ler. Tendo isso em vista, Schmitz-Boccia (2012) ressalta a importância do respeito entre os participantes, uma vez que a receptividade e a legitimação de leituras individuais trazem melhor compreensão da obra lida e aumentam o desejo de conhecer o mundo através da leitura.

Na mesma direção, Castrillón (2007) destaca o caráter de socialização dos clubes de leitura e seus benefícios, uma vez que o compartilhamento de textos e de impressões de leitura têm se mostrado produtivo na compreensão e apropriação das obras, criando sentido para os encontros. Esse entendimento da importância e da centralidade das rodas de conversa está presente também em Schmitz-Boccia (2012, p. 107).

No clube de leitura, as leituras nem sempre são condizentes com as leituras manifestadas pela crítica especializada. As verbalizações dos participantes incorporam, também, as relações afetivas estabelecidas com o texto. A escuta do outro transforma as impressões iniciais da leitura realizada antes do encontro e as falas ouvidas tornam-se constitutivas de uma nova compreensão. Assim, o diálogo e a discussão sobre a leitura, atividade central nas rodas de conversa do clube, inevitavelmente, fazem com que a compreensão pessoal de cada um se modifique, ou se amplie, ou se confirme. As posições iniciais se reelaboram durante e após cada encontro. A fala do outro repercute em cada um dos presentes durante o debate, e continua repercutindo também após o encontro.

Assim, na perspectiva desses autores, os clubes de leitura são espaços de encontro, tendo como ponto central e catalisador o compartilhamento de leituras, em um processo que contempla distintas vozes.

Para Carreño (2015) e Castrillón (2007), os clubes devem promover integração entre seus participantes, mantendo diálogos de respeito a distintos pontos de vista e promovendo o aprofundamento das leituras, tendo como horizonte a formação de leitores e de cidadãos críticos. Ressaltam que a organização favorece a constituição e o funcionamento de um clube, criando boas possibilidades de êxito, especialmente na redução de situações que podem gerar problemas: número excessivo de participantes, o que diminuiria a qualidade das discussões;

¹¹ No hay que seleccionar los títulos pensando en contentar a los miembros del club, ni escogerlos buscando en ellos algunos parámetros preestablecidos que puedan conducirnos a pensar que serán del agrado de la mayoría de los participantes.

escolha de obras, que em função de sua complexidade causariam impedimento de leitura aos participantes; afastamento dos objetivos do clube, comprometendo sua identidade e participação. A constituição do clube deve ser pensada para além da operacionalidade, porém sem excluí-la, pois é elemento importante no alcance de suas propostas.

De forma a sistematizar a composição e operacionalização de clubes de leitura, Co-majuan (2017) elenca sete pontos importantes: grupo de referência; público-alvo e leituras a serem escolhidas; compartilhamento do impulso inicial; parceria com uma biblioteca; proximidade de outros clubes de leitores; pessoas dispostas a assumir tarefas; definição de objetivos.

O grupo de referência é composto por pessoas que dão início ao clube, que mobilizam interessados na criação de um ambiente de compartilhamento de leituras. A escolha do público-alvo e dos tipos de leitura envolve processos decisórios que, no caso do público-alvo, tem a ver com a definição de a quem o clube se dirige – adultos, crianças, jovens, estudantes, mulheres, idosos ou mistos. A natureza do público orienta a seleção das leituras. Há clubes que trabalham a literatura de forma geral, sem opção por gêneros específicos e há os que optam por recortes mais restritos – *best sellers*, clássicos, estrangeiros, novelas. O compartilhamento do impulso inicial refere-se à apresentação pública do clube, com seus objetivos e funcionamento, ganhando ocasionalmente apoio da comunidade em que está inserido; ter aliança com biblioteca significa um espaço de apoio onde os participantes façam empréstimo de livros ou como via de acesso a livros com valores mais baixos; estar próximo de outros clubes ajuda na troca de experiências sobre aspectos de funcionamento do clube; ter pessoas dispostas a assumir tarefas contribui para a implementação das ações do clube. Esses membros são pessoas que, a partir do compartilhamento de conhecimento, sentem-se capazes de ajudar na organização do clube; por último, o autor destaca a necessidade de se deixar claro os objetivos do clube, permitindo a criação de identidade e interação entre seus participantes.

Calvo (2012) apresenta elementos que considera básicos para o funcionamento de clubes de leitura: quantitativo de pessoas – no mínimo 10 e no máximo 25 –, para clubes de leitura compostos por adultos, e de 5 a 15 pessoas para clubes infantis e juvenis. No caso de clubes infantis e juvenis, há a necessidade de livros suficientes para atender a todos os membros, através de compra ou de empréstimos. Em resumo, as condições ideais para o funcionamento de um clube são as seguintes:

Frequência semanal para reuniões; Duração aproximada de uma hora e meia para as sessões; Um ambiente no qual os livros estão presentes como ponto de encontro; Colocação do grupo em um círculo, vendo todos os rostos; É desejável que todos os

sócios do clube saibam os nomes dos outros; para isso é muito útil distribuir folhas com as fotos e os nomes de todos¹². (CALVO, 2012, s/p; tradução nossa).

Barbeiro e Gamboa (2014) destacam, como aspectos a serem observados para o bom funcionamento do clube, a duração dos encontros (em média uma hora e meia, com a ressalva de não haver rigidez); apresentação inicial dos livros, o que pode ser um ótimo convite para levar a ler (para isso, é importante que o organizador ou a equipe organizadora conheça bem as obras sugeridas, destacando os motivos de sua eleição); leitura em voz alta (este tipo de leitura é importante para estimular as discussões e promover o compartilhamento de impressões) – a escolha dos trechos a serem lidos é crucial para as discussões, bem como a leitura articulada e desenvolta; e livre circulação da palavra – além de promover a troca de experiências e a criação de um espaço democrático, permite que os participantes se sintam à vontade para manifestarem-se nas discussões.

Por fim, vale mencionar atividades não especificamente de leitura comuns nos clubes, como sessões de vídeo ligadas às temáticas dos livros discutidos e exibição de obras cinematográficas baseadas em livros, narração de histórias, encontros com escritores, ilustradores e editores, visita a museus e teatros, dentre outros.

Há clubes de leitura que criam ambientes virtuais que disponibilizam obras, informações sobre autores e espaço de interação entre os membros, como é o caso do programa Lectib (programa de cooperação internacional que visa fortalecer clubes de leitura da península ibérica – www.lectibe.eu). Esse tipo de clube permite funcionamento bastante flexível, a interação acontecendo tanto simultaneamente, quanto em tempos diversos para cada membro.

Dentre as inúmeras características que os clubes de leitura apresentam, uma é comum a todos: a existência de um agente fomentador do grupo, o coordenador, cuja importância deve-se ao fato de que lhe são atribuídas funções de caráter operacional, intelectual ou misto.

Dessas três visões, a mais comum entre os clubes de leitura é a mista que, reforçada pela ideia de informalidade dos clubes, enxerga no coordenador a figura de um “faz tudo”, com responsabilidades operacionais e intelectuais. Álvarez-Álvarez (2016, p. 93) destaca algumas das funções do coordenador: “marcação do local de encontro, seleção das obras, manutenção da pauta das reuniões, organização das conversas no encontro, atualização do site do clube, etc.”.

¹² Frecuencia semanal para las reuniones; longitud aproximada de una hora y media para las sesiones; un entorno en el que estén presentes los libros como lugar de reunión; colocación del grupo en círculo, viéndose todos las caras; es deseable que todos los miembros del club conozcan los nombres de los demás; para ello es muy útil repartir hojas con las fotos y los nombres de todos.

Muley (2011) destaca funções como reunião de informações sobre as obras, como o contexto de produção, autor, importância no cenário literário, temática; levantamento de questões presentes na obra, estimulando a participação dos membros; e organização de atividades complementares, como o encontro com escritores e visitas a espaços culturais. O caráter misto dessas funções, no entanto, deixa evidente que, incumbido de atividades de naturezas diferentes, teríamos diminuídas as potencialidades de contribuição do coordenador enquanto agente fomentador no processo formativo dos leitores.

Em uma perspectiva com maior ênfase formativa, há a compreensão de que o coordenador deve pensar as ações do clube de modo a criar condições para que seus membros se apropriem dos encontros, especialmente da leitura. Nesse sentido, mais que promover o acesso ao livro, enquanto figura de referência, deveria favorecer a experiência da leitura e de outros bens culturais. Nessa concepção, Munita (2014, p. 46) apresenta o perfil desse coordenador, chamado por ele de mediador:

Parece que uma definição integral do mediador da leitura seria pensar nele como um ator que, armado com habilidades e conhecimentos de vários campos ligados ao campo cultural e ao trabalho social, intervém intencionalmente com o propósito de construir condições favoráveis para a apropriação cultural e participação na leitura no mundo da escrita por um sujeito que não teve a possibilidade de desfrutar dessas condições.¹³ (Tradução nossa).

O coordenador-mediador é visto por Munita (2014) como um intelectual capaz de fazer aproximações entre diversos segmentos da cultura, ao mesmo tempo em que intervém de maneira intencional no processo formativo dos membros do grupo. Para além de animar e organizar as atividades do clube, o coordenador sabe o porquê de suas ações e busca proporcionar não só acesso à leitura, mas a variados bens da cultura, de modo a promover discussões e reflexões acerca dessas obras em relação com a vida.

Como podemos observar, a produção bibliográfica sobre clubes de leitura, especialmente no Brasil, é incipiente. Dentre os autores revisados, é possível observar a convergência de atenção na definição dos clubes de leitura a partir de sua composição e modos de funcionamento, sendo sua relevância do ponto de vista formativo e dos processos de formação pelos quais passam seus participantes, uma lacuna. A exceção está em Castrillón (2007), que prioriza

¹³ Nos parece que una definición integral del mediador de lectura sería pensarlo como un actor que, premunido de habilidades y saberes de diversos ámbitos ligados al campo cultural y ao trabajo social, interviene intencionalmente con el propósito de construir condiciones favorables para la apropiación cultural y participación en el mundo de lo escrito por parte de sujetos que no han tenido la posibilidad de disfrutar de esas condiciones.

as possibilidades de compreensão do mundo, por meio da leitura e da escrita, proporcionadas pela participação em um clube de leitura.

1.4 Clubes de Leitura: Objetivos

Como exposto, existem vários elementos na composição dos clubes de leitura e que dão origem a uma variedade de objetivos que, dependendo das características de cada grupo, podem ser bastante específicos. Nesta subseção, apresentamos os aspectos identificados na revisão bibliográfica relevantes e comuns aos clubes.

A possibilidade de diversificação no contato com a leitura é importante elemento para que o clube de leitura seja um espaço em que o leitor, ao ser desafiado, encontre-se com obras que, por si só, não conheceria.

Seguindo essa linha de pensamento, Bortolin e Santos (2014) afirma que o clube deve proporcionar, além do contato com as mais variadas manifestações artísticas como o teatro, música, cinema, a possibilidade de escolha do leitor. O autor deixa claro que o clube deve se apresentar como lugar em que os participantes têm a oportunidade de um encontro íntimo com a leitura e outras artes, no qual suas escolhas estariam livres de interpretações pré-concebidas; a oferta de outras linguagens artísticas contribuiria para o acesso a bens culturais que não faziam parte da realidade do leitor.

Barbeiro e Gamboa (2014) validam esse entendimento, defendendo que o acesso aos mais variados bens culturais possibilita que os leitores relacionem o processo cognitivo da leitura a elementos culturais, políticos e sociais, instigando consciência crítica e, desse modo, ultrapassando a ideia de leitura como um processo essencialmente cognitivo ou hedonista. Nesse âmbito, os objetivos dos clubes de leitura “estão associados não só ao desenvolvimento de competências de leitura, como à intensificação de práticas leitoras e à promoção do desejo de ler, decorrentes do alargamento de oportunidades de ler, escrever e discutir sobre os livros”. (BARBEIRO; GAMBOA, 2014, p. 7).

Comajuan (2017, p. 3) reafirma a compreensão de Gamboa e Barbeiro (2014), destacando o caráter de fruição compartilhada, uma vez que os clubes são concebidos como:

Espaços para aproximação da beleza literária e para o reconhecimento dos outros com quem se compartilham as experiências. Constituem oportunidades para uma constru-

ção de sentidos que, além disso, criam vínculos: quando duas ou mais pessoas compartilham e desfrutam belos textos, cria-se vínculo e se constrói sentido simultaneamente.¹⁴

Nessa perspectiva, o autor apresenta o compartilhamento de impressões de leituras como importante nas relações entre os membros do grupo, que, à medida que se apropriam do texto literário, constroem novos significados em torno da obra e estreitam relações.

Castrillón (2007), por sua vez, dedica-se, específica e objetivamente, a ressaltar o aspecto formativo dos clubes em uma perspectiva que considera a leitura e a escrita instrumentos de compreensão ampliada do mundo. Destaca que os clubes também objetivam “a revalorização da palavra oral e escrita combatendo o consumo acrítico de outras linguagens aparentemente mais atrativas.” (p. 7) e chama atenção para o fato de que seus objetivos de leitura devem estar atentos em relação aos discursos que os proclamam como espaço lúdico, democrático e de acesso a obras variadas e de diversos segmentos - cinema, teatro, artes plásticas, de modo a aceitá-los não como um verniz, mas como possibilidade real de reflexão e criticidade quanto aos rumos que tomamos enquanto seres humanos em nossa individualidade e universalidade.

¹⁴ Los Clubs de Lectores concebidos como espacios para la aproximación a la belleza literaria y para el reconocimiento de los otros con quienes se comparte la experiencia, constituyen oportunidades para una construcción de sentido que, además, crea vínculos: cuando dos o más personas comparten y disfrutan bellos textos se crean vínculos y se construye sentido, simultáneamente

2 OS CLUBES NA PRÁTICA

Os clubes de leitura são iniciativas com características bastante diversificadas, que dependem do espaço, da visão de leitura, finalidade e objetivos. Assim, com vistas a dar suporte a uma melhor análise das ações do clube de leitura LIV, a pesquisa buscou examinar clubes de leitura pelo Brasil, por meio de suas plataformas na internet, tendo como elemento norteador do levantamento as seguintes questões:

1. Como surgiu o seu clube de leitura?
2. Quais seus principais objetivos?
3. Quem é o coordenador?
4. Qual o público atendido e onde ocorrem os encontros?
5. Que atividades são desenvolvidas?
6. Quais os resultados alcançados?
7. Quem escolhe os livros?
8. Com que frequência ocorrem os encontros?

Quando os dados nas plataformas eram insuficientes, entrávamos em contato por e-mail ou telefone com os responsáveis pelos clubes.

O levantamento encontrou clubes de leitura com plataformas virtuais em pelo menos 15 estados do Brasil, dos quais 118 forneceram informações suficientes (consideramos suficientes os clubes que responderam a pelos menos seis das oito questões). As perguntas norteadoras tinham como principal objetivo destacar os modos de funcionamento, objetivos, público-alvo, práticas e visão de leitura e espaços nos quais os clubes de leitura se realizam.

Ao longo da pesquisa, encontramos clubes dos mais variados, com propostas de liberdade quanto às escolhas e discussão das obras, ludicidade, motivação para a realização dos encontros e perfil de participantes.

A primeira questão colocada foi sobre a “frequência dos encontros”. 97 dos 118 clubes pesquisados realizam reuniões mensais, seis realizam encontros a cada dois meses, quatro têm reuniões quinzenais, seis desenvolvem atividades semanais, dois (ligados a escolas) têm atividades diárias, e um clube não respondeu ou não dispôs em sua plataforma este item.

O segundo ponto questionado tratava dos objetivos de cada clube. Neste ponto, utilizamos as definições de Britto, Serra e Casmanie (2015) sobre as formas de promoção da leitura. O primeiro objetivo encontrado nos clubes foi “leitura e ludismo”. Nesse ponto, foram

classificados os clubes que visam levar a leitura enquanto prazer, salvação ou encontro de pessoas – 47 apresentaram essa característica; 14 buscam atrair pessoas para que gostem da leitura, que segundo Britto, Serra e Casmanie (2015) seriam clubes que focam na “leitura e ilustração”.

Houve clubes que apresentaram a promoção da leitura e o encontro de pessoas como correlatos. Assim, as reuniões aconteceriam com a ideia de promover a leitura como divertimento, por meio da interação e, ao mesmo tempo, meio de formação intelectual, em função do conteúdo dos livros. No meio disso tudo estaria o não-leitor que, apoiado por outros leitores, teria condições de participação na cultura letrada.

Outros clubes de leitura, 16 no total, apresentaram como objetivo a preparação das pessoas para o vestibular ou para atividades escolares, objetivo classificado como “leitura e utilitarismo”.

Uma última categoria encontrada quanto aos objetivos foi a da “leitura e cidadania”, que compreende os clubes de leitura que buscam a discussão de questões como formação da identidade, questões sociais, políticas e históricas. Trinta e dois apresentaram esse perfil. A maioria dos clubes destas linhas é voltada para a valorização de escritoras mulheres e a discussão de questões sociais como o lugar da mulher no meio social e discriminação. Tais espaços buscam na literatura um meio de fortalecer as lutas sociais, por meio das discussões, fazendo perceber que, mais que evadir do mundo ou conseguir um emprego, a literatura contribui com a formação crítica e reflexiva, ideia também destacada por Pucci (2001, p. 12), que apoiado em Adorno enfatiza que o pensamento reflexivo não apenas aponta tessituras, curto-circuitos antes não detectados, mas também gera inquietação, anseios de mudanças.

Além das categorias apresentadas, 17 clubes de leitura não responderam ou não deixaram explícitos seus objetivos. Isso revela uma característica forte dos clubes: a informalidade quanto à realização de suas ações.

Bem próximo ao ponto anterior, o terceiro elemento levantado foi a “visão de leitura”, que, seguindo as definições de Britto, Serra e Casmanie (2015) divide-se em: “leitura e cidadania”, clubes cujas leituras e discussões apresentaram questões sociais como, pobreza, desigualdade de gênero, discriminação, preconceito entre outros, como temas a serem debatidos em seus encontros. Vinte e seis apresentaram essa visão.

Chama a atenção o fato de que houve redução de seis clubes de leitura em relação aos que apresentaram em seus objetivos a proposta de “leitura e cidadania”. Isso se deve ao fato de que, embora alguns indicassem o objetivo como sendo formadores, através da descrição de algumas de suas atividades nas páginas da *web*, percebeu-se que as ações, na prática, divergiam dos objetivos declarados.

Encontramos também clubes de leitura cujas atividades e discursos associaram a leitura ao prazer e descomprometimento, revelando uma visão de leitura ligada ao ludismo. 32 revelaram esse perfil. Outro grupo de clubes (12) apresentou em seu discurso e finalidades atividades voltadas para um fim específico, como preparação para o vestibular, concursos ou escolares. Seriam os da “leitura e utilitarismo”. Apenas um apresentou a perspectiva da leitura enquanto apreciação da palavra escrita, principalmente em verso, entendida como uma visão ilustrada de leitura. 47 clubes de leitura não responderam a este item ou não deixaram claro em suas plataformas a visão de leitura. Esse quantitativo, embora expressivo, é compreensível, uma vez que, como destacado, os clubes de leitura têm como marca importante a informalidade. Vale destacar que dois clubes de leitura não apresentaram de maneira explícita uma visão de leitura, fechando as ações no fazer.

O quarto ponto do levantamento refere-se ao “público-alvo” que, de acordo com as informações encontradas, foram divididos em: abertos – clubes sem restrição de participação em função de idade ou gênero (cento e um); infantil (um); adolescentes, voltados essencialmente para pessoas de 12 a 17 anos (dois); mulheres (um); idosos (dois clubes apresentaram-se para um público acima dos 60 anos). Nove clubes são destinados especificamente a estudantes e dois não responderam.

O quinto ponto averiguou em “quais espaços os clubes ocorrem”, divididos da seguinte forma: 1 *Privado*, espaços residenciais ou espaços em que são desenvolvidas atividades comerciais – lanchonetes, cafés, livrarias (58); 2 *Públicos*, espaços pertencentes a instituições de ensino público – universidades, escolas – e espaços abertos – praças (51); 3 *Virtual*, espaços nos quais os encontros são, essencialmente, realizados via internet, por meio de plataformas como Facebook, Whatsapp, blog, Youtube (2). Quatro clubes não responderam ou não destacaram esse aspecto em suas páginas.

No decorrer da pesquisa, foi possível conhecer dois clubes de leitura de Santarém. Um deles, criado em uma escola, buscava envolver os alunos do ensino médio, instalando ambiente de conversa em torno da leitura. Os encontros, dos quais todos os alunos das escolas podiam participar, eram mensais. As leituras eram propostas pelos próprios alunos, e a professora escolhia um mediador de debate diferente para cada evento, geralmente um professor.

No acompanhamento, ficou claro que havia um grupo de seis ou sete estudantes que revelavam grande interesse e empolgação, ao passo que outra parte, a maioria, apesar de participar dos encontros, transparecia estar ali por obrigação, sendo que muitos deles não liam as obras, não participavam das discussões ou saíam no meio da reunião. O grupo de estudantes comprometidos lia as obras, envolvia-se na preparação dos encontros e promovia discussões

que não se limitavam aos textos, deixando evidente a capacidade de alguns de pensar as obras para além da sala de aula.

O segundo grupo foi o Leia mulheres-Santarém, recém-implementado, que funciona na Ufopa com encontros mensais; as leituras propostas são sempre de escritoras mulheres. A participação no clube, embora seja aberta ao público, é predominantemente de estudantes de graduação, com debates intensos, principalmente em relação a questões como machismo, discriminação e problemas econômicos.

3 O CLUBE DE LEITURA LIV

3.1 Criação do clube e público-alvo

Criado em março de 2017, no âmbito dos projetos desenvolvidos pelo Lelit, o clube de leitura tem como objetivo principal contribuir com a formação integral de adolescentes, com idade média entre 13 e 18 anos, estudantes de escolas públicas do município de Santarém, no Pará.

Inicialmente, participavam do clube dez membros, de três escolas diferentes e que eram supervisionados pela então estudante de Pedagogia Gisele Gomes. Nos encontros, que ocorriam mensalmente no campus da Ufopa-Santarém, os adolescentes faziam a leitura de um livro, que eles mesmos escolhiam na biblioteca Bartolomeu Campos de Queirós¹⁵, e realizavam discussões a respeito de seu conteúdo.

Em julho de 2018, houve um processo de reestruturação do clube, que passou a contar com um grupo central, composto por seis estudantes de graduação¹⁶ e um mestrando¹⁷, que participariam em todas as suas atividades. Foi este grupo que determinou o modo de funcionamento do clube, a frequência dos encontros (quinzenais), o direcionamento das discussões, gêneros a serem lidos e as ações a serem realizadas com vistas a ampliar o processo formativo proposto. Durante este processo, também foi criado um nome para o clube, até então denominado de “clube de leitura do Lelit”. O nome surgiu após discussão e votação pelos membros da equipe de referência, passando a ser chamado de clube de leitura LIV, que significa Ler, Interagir e Viver. A ideia era apresentar os objetivos do clube já em seu nome e, ao mesmo tempo, trazer uma referência à visão formativa do grupo de pesquisa a que está ligado, o Lelit. Além do grupo central, o LIV ainda contava com duas¹⁸ estudantes de graduação que davam apoio principalmente pelos canais da internet (blog e Youtube). O clube contou, até junho de 2019, com dez estudantes de ensino médio, bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Ensino Médio – Pibic-EM, incluindo estudantes quilombolas e indígenas,

¹⁵ A biblioteca Bartolomeu Campos de Queirós, mantida pelo Lelit, dispõe de mais de seis mil exemplares, a maioria de literatura infanto-juvenil; é frequentada por estudantes de escolas públicas e da Ufopa, servindo de laboratório de formação docente.

¹⁶ Lucas William Santos Siqueira (Letras), Joyce Milla da Costa Batista (Letras), Daiane Samara Bezerra Rocha (Pedagogia), Juliane dos Santos Cota (Letras), Gisele da Silva Gomes (Pedagogia) e Larissa Sousa Prata Viana (Letras);

¹⁷ Sérgio Augustos Santos de Palma (Mestrado em Educação)

¹⁸ Lumena Sores mouro Silva (Letras), Thaylla Lorena Pantoja Siqueira (Letras).

sendo quatro residentes da cidade e seis no interior do município. Ainda participavam dos encontros cinco alunos de escolas públicas sem bolsa e duas professoras de ensino médio da rede estadual. Desde julho de 2018, os encontros passaram a ser quinzenais.

Do ano de sua fundação até o momento, o clube de leitura tem passado por diversas mudanças. Algumas ocorreram de fora para dentro, como a redução de participação de adolescentes devido ao corte das bolsas Pibic-EM, em junho de 2019; outras, de dentro para fora, como a mudança na dinâmica dos encontros – realização de reuniões quinzenais, alternância na moderação dos encontros, proposição de obras mais curtas, alternância nos espaços de reunião, organização e participação de eventos culturais – buscando atender o público externo, promovendo ações que permitissem maior contato com a cultura letrada. Com a realização destas ações, notou-se mudança no perfil do público, com redução da participação externa e maior adesão de universitários.

Com relação aos estudantes indígenas e quilombolas que deveriam compor o clube, o distanciamento geográfico, a falta de acesso a meios tecnológicos (internet, computadores) e a falta de articulação com o próprio clube de leitura impediram suas participações. Assim, as ações com eles ficaram restritas a uns poucos momentos em que tiveram a oportunidade de vir a Santarém e às orientações dadas pelos pesquisadores coordenadores do projeto de pesquisa “Levar a ler em lugares distantes”¹⁹, que se voltavam ao acompanhamento das leituras e das atividades de leitura com grupos dentro da própria comunidade, mas que não dialogavam com o clube LIV.

Atualmente, o clube continua com uma equipe composta por sete membros internos e quatorze participantes externos, dos quais sete são da Ufopa, quatro de escola pública, dois que já concluíram a educação básica e um professor de escola pública, totalizando 21 participantes frequentes. O grupo conta, no Whatsapp, com mais de 40 participantes e tem apoio de mídias sociais como Instagram, Youtube e blog que divulgam as atividades desenvolvidas pelo Lelit e clube de leitura.

3.2 Objetivos do LIV e seus Impasses

Com relação aos objetivos, o LIV propõe-se a promover iniciativas que contribuam para a formação do indivíduo, ultrapassando questões pragmatistas e hedonistas. Essa perspec-

¹⁹ O projeto, sob a liderança do professor doutor Zair Henrique Santos, faz acompanhamento e análise das ações de levar a ler em comunidade no interior da região este do Pará.

tiva se deu a partir das reflexões trazidas pelos professores Luiz Percival e Zair Henrique Santos, que, embasados na Teoria Histórico-crítica, destacam o papel social da leitura na formação humana, definição que se revelou bastante complexa de se realizar na prática.

Inicialmente, as escolhas das obras eram realizadas ao acaso e apresentadas aos demais participantes sem planejamento para discuti-las. Porém, em decorrência da pouca participação nas discussões dos encontros, mostrou-se necessário um trabalho de reflexão sobre as proposições do clube, como delimitação de critérios de escolha dos livros, necessidade de criação de espaços de discussão para além dos encontros presenciais, realização de pesquisas sobre formação, promover o contato com outras formas de arte e desenvolver ações de leitura fora do clube.

Conscientes de que a socialização do ato de ler traz consigo benefícios que multiplicam os que por si só já acompanham o ato da leitura e de que “a literatura constitui (...) um instrumento importante para uma busca do sentido da vida, e que seu caráter polissêmico permite renovar a capacidade de ver o mundo de diferentes maneiras” (CASTRILLON, 2007, p. 12), buscamos proporcionar um espaço de reflexão e diálogo abertos, com a missão de proporcionar um processo de interação em que os próprios participantes sejam atores, pois o saber, quando compartilhado e dialogado, contribui com o conhecimento individual e coletivo.

Estas ações surtiram efeitos bastante positivos. A reflexão sobre a escolha dos livros passou a trazer preocupação maior em relação às temáticas. No presente momento de realização desta pesquisa, o clube de leitura aborda obras que trazem questões sociais como situações de imigração no mundo, relações de poder, discriminação, racismo, misoginia, direitos do cidadão, para que, ao aliar a prática da leitura às discussões em grupos, tenhamos um ambiente de consciência crítica.

Outro fator que contribuiu para a mudança na postura das ações desenvolvidas pelo clube de leitura LIV foram as reuniões de estudo teórico, realizadas quinzenalmente, desde junho 2019, pela equipe interna. Nelas, nos debruçamos sobre a parte conceitual de temas como formação, pensando um processo formativo que transcenda a visão pragmática e contribua na constituição de indivíduos conscientes de sua condição e de sua realidade. Também discutimos sobre a formação do gosto, questionando como o comportamento humano é regido pela ordem social que determina os gostos, atitudes, emoções e escolhas, tendo a oportunidade de perceber que o gosto não é algo inato, mas construído socialmente. Ainda se teve como tema, a formação da consciência crítica, estudando textos de Theodor Adorno, o que contribuiu para que pensássemos as atividades que, para além do simples ato descomprometido de ler, favoreçam a consciência que transcenda os aspectos do pensar técnico e utilitário.

Estas ações contribuíram para a compreensão de que a formação é um processo contínuo presente em toda a vida do indivíduo mesmo que em alguns momentos em graus diferentes e que, para potencializá-la, é necessário um trabalho educativo, o que significa uma ação sistemática e intencional.

A partir destas reflexões, de maneira gradual, mudanças importantes ocorreram nas discussões do clube LIV. Alguns participantes, a partir de suas falas, demonstraram a ampliação de sua visão de leitura, relacionando as obras a aspectos de sua vida, fato que não ocorria nas primeiras reuniões. Vale ressaltar que as mudanças ocorreram principalmente nos membros da equipe organizadora, sobre quem incidiam mais direta e frequentemente os encontros formativos teóricos. Essa mudança de mentalidade remete a Santos (2016, p. 31), que deixa claro o poder de uma consciência crítica apurada em relação à leitura ao destacar que:

A leitura crítica possibilitaria à pessoa um projeto de transformação social que combate a naturalização da barbárie, uma vez que lhe daria condições de entender as contradições da sociedade conservadora, em que poucos detêm o poder e usufruem dos privilégios, enquanto a maioria é sistematicamente ferida em seus direitos fundamentais.

Santos (2016) destaca que a leitura crítica permite transformar o leitor em sujeito político, capaz de perceber e posicionar-se frente às desigualdades sociais. Isso, no entanto, implica a necessidade de promover condições para que a consciência crítica se desenvolva e a leitura seja percebida como instrumento de ascender a questões profundas da vida, e não como mero instrumento de prazer-hedonista e/ou pragmático.

Percebemos, no decorrer do trabalho, que a proposição dos objetivos do clube de leitura LIV gerou certo desapontamento em alguns participantes, que esperavam encontrar leituras que faziam parte de seus horizontes. No entanto, baseados na reflexão de Carreño (2015, p. 108), a qual destaca a importância da escolha consciente de leitura, que não privilegie gostos pré-determinados, procuramos a opção de proporcionar leituras de autores diversificados. Para minimizar esses impactos, as atividades desenvolvidas buscam conjugar conteúdos importantes no processo formativo dos participantes a leituras que possam atraí-los para o clube, em geral temáticas já conhecidas por eles.

3.3 Visão de Leitura

O segundo ponto a destacar no LIV é o da visão de leitura como elemento formativo. Como apresentando na revisão bibliográfica, um ponto forte dos clubes de leitura em relação a outras ações com objetivo de promover a leitura é a liberdade de escolha das obras e a

discussão aberta das temáticas aliadas a um ambiente informal e descontraído, que busca fugir das análises estruturais das obras, comuns nas instituições formais de ensino.

Os clubes são alternativas a espaços formais de leitura, mas, que para além de fuga ou inserção na ordem social, a leitura deve, ou deveria, promover consciência. O LIV tem procurado em suas ações explorar uma visão de leitura que contribua com o desenvolvimento humano, atentando principalmente para questões sociais. Sua coordenação, ciente da importância dessa característica e entendendo que a discussão aberta das obras é importante no processo formativo, tem buscado, a partir da proposição de obras, transcender o lugar comum, possibilitando, por meio da reflexão e discussão, em grupo, o pensamento crítico e formação.

Vale lembrar que, apesar de bem parecido com o ponto anterior, a “visão de leitura” permite verificar, na prática, as flutuações entre o teórico e a sua concretização nas ações, possibilitando apontarmos novas proposições e reforçar as ações realizadas.

A observação deste ponto possibilitou verificar a oscilação nas propostas de leitura do clube, que, apesar de buscarem o desenvolvimento formativo do indivíduo, em alguns casos pareceu atender muito mais o horizonte de leitura da equipe coordenadora. Em muitos momentos, a tendência a gostos pessoais se sobrepôs aos objetivos do LIV, as obras eram propostas aos participantes do clube sem leitura prévia pelos demais participantes ou sem discussão aguda do conteúdo. Então, decidimos que obras propostas para leitura só seriam aprovadas mediante a leitura prévia de, no mínimo, três membros internos e a arguição pela equipe.

Também temos buscado alternativas de aproximar os alunos das escolas do espaço do clube. Como medida, adotamos a divulgação do clube e das leituras nas escolas, buscamos dialogar com os usuários da biblioteca Bartolomeu Campos de Queirós, propondo-se leituras próximas a seus horizontes, além de gêneros textuais mais curtos, como contos e crônicas. Também organizamos cronogramas com as leituras propostas, no intuito de criar expectativas nos leitores, uma vez que houve casos em que os participantes se revelavam ansiosos em relação à leitura de determinado título. Participamos de saraus e organizamos ações em comunidades indígenas e quilombolas, quando tivemos a oportunidade de dispor e realizar a leitura de algumas obras do acervo da biblioteca Bartolomeu Campos de Queirós.

O desenvolvimento destas atividades permitiu à equipe coordenadora mais maturidade em relação às suas ações. O grupo passou a refletir sobre as possibilidades de leitura, a realidade em relação ao não acesso a obras literárias e a precariedade do ensino nessas comunidades, algo já destacado por Britto (2015b, p. 25) ao observar que:

Além da carência material de livros e do acesso direto ao livro, há entraves à leitura que são de ordem cultural (as práticas e os valores), conceitual (a compreensão que se

tem do que é leitura e das razões por que ler é significativo) e políticas (as ações e os investimentos que se fazem em leitura e educação).

E ainda por Castrillón (2011), quando adverte que, apesar de haver aumentado sensivelmente a produção e venda de títulos, a distribuição da leitura, socialmente, continua desigual.

Isso explicita a necessidade de tomar a leitura como ato político e assumir atitude consciente ao realizá-la. Assim, buscando superar a ideia de um clube de entretenimento, mesmo que essa dimensão esteja presente em suas ações, temos agido no sentido de transformá-lo em espaço de formação.

3.4 Público-alvo

O público-alvo do clube de leitura eram, principalmente, os adolescentes de nível médio das escolas públicas. Primeiramente, porque o clube teve origem em um projeto que visava iniciar esse público na pesquisa – o Pibic-EM – e, posteriormente, por entendermos necessária e produtiva a continuidade de apoio e orientação dos jovens em relação às leituras. Porém, nesse percurso não restringimos a participação das pessoas que manifestaram interesse em participar dos encontros, tomando como positiva a heterogeneidade do grupo. Respaldados por Freire (2015, p. 25), que, ao destacar a diferença entre docentes e discentes, diz que “embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”, entendemos que a heterogeneidade do público é uma de suas principais virtudes e importante meio para ampliação de conhecimento.

Outra questão que influenciou na redução da participação dos jovens foi a mudança gradativa no perfil do público. Como já dito, parte dos integrantes adolescentes do clube de leitura era bolsista, e, com sua saída, os demais participantes desta faixa etária revelaram sentir-se pouco à vontade com participantes mais velhos, o que culminou com sensível diminuição desse público. Atualmente, temos um grupo bem heterogêneo, composto por acadêmicos, estudantes e professores de escolas públicas, sendo que a maioria dos participantes tem idade entre 18 e 25 anos.

Também ficou evidente a oscilação da frequência dos participantes do clube, o que dificulta o trabalho com os objetivos de formação propostos, por atrapalhar a sequência das ações planejadas. Tal constatação nos levou a acreditar que a ausência de alguns participantes estaria ligada ao pouco comprometimento com o clube, no entanto, percebemos, a partir de um

diálogo mais aproximado com eles, que os dias e horários dos encontros eram os principais fatores da baixa participação, deixando claro que o cotidiano contribui para cercear a leitura.

Isso evidencia a existência de circunstâncias materiais e ideológicas que impedem a prática ativa da leitura e que, além do acesso objetivo a livros, é necessário assegurar condições sociais – emprego, saúde, educação e segurança – para desenvolver o acesso subjetivo, destacando a importância da leitura na constituição humana. Como lembra Britto (2015a), o excluído da leitura não é o indivíduo que pode ler mas que por algum motivo não o faz, e sim aquele que, por falta de moradia, terra, alimento, educação, não tem acesso à cultura escrita.

Essas (faltas de) condições se refletiram na ausência de alguns ex-bolsistas Pibic-EM que revelaram não poder participar dos encontros por não dispor de recursos para transporte, e por seus pais entenderem que, com o término da bolsa, não haveria motivo para continuar no clube.

Britto (2003, p. 151), ao falar do “leitor interdito”, destaca que as práticas de leitura parecem uma questão de natureza ética individual, quase um comportamento subjetivo, mascarando o fato de que, na verdade, a leitura é uma prática social, e, como tal, por conta das relações históricas e sociais, somos conduzidos à impossibilidade de participação na cultura letrada, seja pela falta de recursos para aquisição de livros, seja pela falta de apoio, tanto por parte da família quanto do governo.

Isso deixa claro que, mesmo em segmentos juvenis, ainda não inseridos no mercado de trabalho, o processo de exclusão social e cultural é forte, seja de maneira direta, pela falta de recursos financeiros, materiais ou subjetivos, seja de forma indireta, pela relação social, com os pais, que, em alguns momentos, impedem sua participação, por não verem utilidade, ou pela mídia, que vende um estilo de vida desligados da atividade de leitura.

3.5 Espaços de Realização

Os encontros têm se dividido entre locais dentro da universidade (Ufopa-Unidade Rondon) e lugares abertos, geralmente praças, mas sempre de livre acesso, no intuito de aproximar nossas ações ao público externo, bem como criar um lugar que se desprenda da imagem do trabalho formal e analítico-crítico. Cabe destacar que, antes dos encontros, fazemos ampla divulgação via internet, principalmente.

No decorrer do tempo, percebemos que, apesar do trabalho de divulgação, ainda foi rara a participação de pessoas externas (que não frequentam a universidade ou a escola) nos encontros do LIV. Chamou a atenção um ponto importante: apesar da abertura e da gratuidade

do espaço de leitura, há estranhamento entre as ações do LIV e a comunidade a quem pretende se dirigir, transparecendo que esse público não vê essas ações como um retorno de seus próprios recursos, nem as percebe importantes para sua formação.

Tal distanciamento entre formação cultural e classes sociais mais pobres deve-se a um processo histórico, no qual a formação cultural, ao tornar-se importante para ascensão social, converteu-se em uma das marcas distintivas das classes abastadas. Isso criou um ideário em que algumas manifestações culturais, ainda hoje, ocupam posição de divindade para boa parcela da população. Como herança, uma parcela importante da sociedade, além de impedida pelas questões materiais, não consegue perceber que a participação em ambientes de cultura é um direito de todos, tratando como natural sua exclusão desses ambientes.

Assim, ao abrir as ações do LIV para esses espaços, estamos dando a oportunidade para que excluídos da cultura aproximem-se do clube a fim de perceber, por meio da participação e do debate, que o processo formativo é algo inerente a sua existência, e que esses espaços são criados para potencializar sua capacidade de pensar sobre si mesmo e sobre a vida.

Nesse processo, temos a possibilidade de conscientizar os participantes do LIV de que “se a cultura espiritualiza-se, ela se transforma em um valor isolado, perde a potencialidade de crítica e de condução ética da vida real dos homens” (PUCCI, 2003, p. 6), o que possibilita entender que a formação cultural só faz sentido se pensada criticamente e compartilhada democraticamente.

Cabe, então, a reflexão para que a equipe interna, a fim de identificar as dificuldades e necessidades da população, conheça essa realidade e, por meio de ações frequentes, aproxime-se da comunidade, produza formas de conhecimento que, ao mesmo tempo em que atendam às necessidades do público, desmistifiquem a ideia de formação cultural como algo que lhes é externo e promovam espaços discursivos próximos à realidade deste público.

A aparente simplicidade de um espaço de leitura como o dos clubes perpassa por uma série de problemas que transcendem a simples vontade de ler. Existem barreiras ideológicas a impedir a participação efetiva. De maneira geral, o acompanhamento das ações do LIV permitiu o aprofundamento das questões estruturais e teóricas da criação e funcionamento de um clube de leitura e deram bases para reflexão importante sobre as potencialidades e os limites deste espaço.

4 FORMAÇÃO PELA LEITURA

4.1 Formação

Formação é um termo polissêmico e, por conta das múltiplas interpretações que lhe oferecem, pode causar uma falsa ideia de consenso. Como a proposta do LIV é a de trabalhar com leitura e formação, torna-se essencial explicitar que sentido adotamos ao termo.

Adorno é principal referência nesse caso. Em uma perspectiva que expõe a dinâmica excludente e alienante da sociedade capitalista, principalmente no âmbito cultural, Adorno, apesar da maioria de sua obra não estar voltada diretamente à educação, apresenta, principalmente em a *Teoria da Semicultura* (1995) e *Educação após Aushwitz* (1996), elementos para uma concepção aguda de formação.

Em a *Teoria da Semicultura*, Adorno (1995) destaca que, na sociedade capitalista, os elementos culturais passam por um processo de petrificação, ao mesmo tempo em que são convertidos em mercadorias. Há, segundo ele, dissociação entre bens culturais e as coisas humanas, de modo que os bens culturais se tornam mercadorias. Esse processo, em que a cultura torna-se valor absoluto e se desliga das coisas humanas é chamado de semiformação, entendida “como uma determinada forma social da subjetividade socialmente imposta por um determinado modo de produção em todos os planos da vida, seja na produção, seja fora dela” (ADORNO apud MAAR, 2003, p. 462).

Isso significa que, estando presente em campos distintos da sociedade – nas instituições educacionais (em forma de treinamento), nas mídias (em forma de informação ou entretenimento), no trabalho (em forma de exploração), nas organizações sociais –, a semiformação se instala, promovendo a fragmentação do conhecimento e da experiência, negando a possibilidade da reflexão e do pensamento crítico, levando a uma espécie de adestramento para os comportamentos sociais.

Neste sentido, Adorno (1995) deixa claro que, mesmo em espaços e bens que se pretendem formadores, a semiformação incute a antiformação, instalando um pensamento conformista. Observa, ainda, que uma das estratégias de implementação da semiformação é a Indústria Cultural que, na sociedade moderna industrial, teria a missão de duplicar a realidade social concreta em todos os segmentos, principalmente social e cultural (moda, crenças religiosas, cinema, músicas, arte, literatura), gerando a consciência de que a ideologia é uma extensão daquilo que se vê na própria sociedade (ADORNO, apud MAAR, 2003, p. 460).

Destacando justamente essa relação opaca criada pela indústria cultural, Farias (2018) afirma que a indissociação entre realidade concreta e ideologia tem trazido como resultado a usurpação da autonomia em nome de necessidades pré-fabricadas, em que o indivíduo é compelido a se integrar.

Com desejos e necessidades identificados e atendidos por meio da oferta de produtos culturais (manipulação retroativa) e os modos de recepção e fruição calculados e estabelecidos (usurpação do esquematismo), resta ao sujeito a participação compulsória na heteronomia, no universal massivo (FARIAS, 2018, p. 30).

Isso significa que a manipulação, ao mesmo tempo em que produz lucro, cria uma espécie de ciclo de continuidade da ordem vigente: “As ‘massas’ são semiformadas afirmativamente para confirmar a reprodução continuada do vigente como cópia pela indústria cultural” (MAAR, 2003, p. 461).

Contrariamente a isso, Adorno (1995) compreende a formação como condição implícita de existência autônoma, quando se transcendem os aspectos práticos da vida cotidiana e criam as bases de constituição de sua racionalidade e autonomia.

Seguindo essa perspectiva teórica, Farias (2018, p. 18) define a formação como:

o processo contínuo de compreensão do mundo, das relações sociais e históricas, realizado criticamente e despido de suas aparências e condições legitimadas pelo senso comum e pelos interesses capitalistas de dominação, especialmente por meio da indústria cultural.

Para a instauração desse processo, Adorno (1995, p. 411) entende necessário, no contato com a cultura petrificada – a semicultura –, “uma consciência autorreflexiva e crítica”.

Fica evidente que a categoria *formação* de Adorno transcende a concepção de instrução técnica ou, até, instrução intelectual, preconizando uma dinâmica pela qual o ser humano, ciente de que o processo formativo permeia toda sua existência, concebe a formação cultural como constituinte fundamental desse processo, não como algo intocável, e sim passível de constantes questionamentos e reflexões.

Maar (1995, p. 9), na introdução de “Educação e emancipação” (ADORNO, 1995), destaca que o filósofo alemão “adverte contra os efeitos negativos de um processo educacional pautado meramente numa estratégia de ‘esclarecimento’ da consciência, sem levar na devida conta a forma social em que a educação se concretiza como apropriação de conhecimentos técnicos”. Isso quer dizer que, para haver rompimento com o curso pré-determinado historicamente aos indivíduos, há que se trabalhar a formação no sentido de desenvolver as habilidades humanas em todos os lados.

Essa perspectiva tem sido alvo de discussões de diversos autores que, assim como Adorno, entendem que todo processo educativo deve buscar uma formação em que a racionalidade, a ética e a sensibilidade estejam presentes e sejam inter-relacionadas.

Frigotto (2012, p. 267) chama essa formação de *Omnilateral*, destacando seu potencial de desenvolver o indivíduo no âmbito cultural, cognitivo, psíquico, afetivo, estético e lúdico, pois “abrange a educação e a emancipação em todos os sentidos humanos”. O autor lembra que tais dimensões não são inerentes à condição humana, ou seja, o indivíduo não as desenvolverá a menos que haja a aproximação delas com sua realidade.

Usando nomenclatura parecida – Formação Onilateral –, Manacorda (2007, p. 87) entende essa formação como “desenvolvimento total, completo, multilateral, em todos os sentidos, das faculdades e das forças produtivas, das necessidades e da capacidade da sua satisfação.” (p. 87).

Na mesma linha, Chaves e Goergen (2017, p. 333) defendem que:

O ideal de formação humana cidadã que busca a emancipação do homem como sujeito autônomo, crítico e corresponsável socialmente, deve ter como base e ponto de partida a harmonização subjetiva, racional, ética e estética do ser humano.

Vemos nestes autores, portanto, que o processo formativo deve buscar privilegiar a potencialização de todas as faculdades humanas como elementos indissolúveis, o que apresenta uma aproximação ao conceito de formação de Adorno, adotado por nós.

Adorno (1995, p. 7), no entanto, atenta para uma questão importante: “A desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio”. Isso significa que a formação por si só não garante uma sociedade racional, pois as condições sociais e materiais existentes impedem os pressupostos necessários a um processo formativo, verdadeiro.

Ao destacar, dentro deste paradigma, que a formação isolada não é emancipadora, mas conformadora, Adorno (1996, p.3) deixa claro que tão somente a disposição de bens da cultura, isolados e petrificados, como acontece em grande parte da educação atual, não dá conta de produzir uma formação cultural nos moldes apontados por ele. Isso porque a formação que se absolutiza em si mesmo se converteria em semiformação. Tal pensamento também é compartilhado por Saviani e Duarte (2010, 429): “é necessário que a atividade deixe de ser um meio para a satisfação de necessidades externas a ela e passe a ser ela mesma um processo no qual o sujeito se desenvolve e se realiza como um ser humano”.

Portanto, fragmentada e isolada, a formação converte-se em semiformação, ganha finalidade de viés utilitarista, e o processo de formação cultural pela educação, antes dinâmico e fundamental à constituição humana, passa a ser que exclusivamente um meio de inserção no mercado de trabalho, convertendo-se em mercadoria. Fragmentada em vários ramos e convertida em produto, a formação ganha viés de qualificação para o mercado, que a vende com fins específicos, substituindo a experiência formativa pelo treinamento.

Preocupado com o papel assumido pelo processo educacional na conversão da formação em treinamento, Adorno e Horkheimer (apud FRITZEN, 2013 p. 54) lembram que as instituições de ensino têm sido utilizadas como ferramentas de manutenção da ordem vigente, nas quais os conteúdos são passados de forma neutralizada, desarraigados de sua origem social e trazem como resultado a inculcação de ideologias e juízos que privilegiam uma única dimensão.

no afã de reduzir os fenômenos naturais ao número, a razão que anteriormente prometia aos homens a liberdade, torna-os também presas do processo de reificação intensificado pela sociedade burguesa. Fora da sua utilidade produtiva mediada pela razão instrumental nada encontra justificativa e submetidos a transformar a natureza em utilidade, os próprios homens se transformam no valor economicamente atribuído ao seu trabalho, incapazes de compreender a totalidade do processo de produção social no qual estão inseridos (ADORNO; HORKEIMER, apud FRITZEN, 2013 p. 54).

Essa ideia de processo formativo, em que são deturpadas as relações entre os homens e entre estes e a natureza, provocando uma espécie de regressão a uma relação selvagem, no qual o mais forte sobrevive, remete ao lembrado por Adorno (1995, p. 117) “em Educação após Auschwitz”, especialmente quando destaca que: “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação”. Isso significa que, para além da qualificação instrumental para realizar tarefas e seguir uma profissão, a formação deve promover reflexão, dando bases para a emancipação e para o pensamento crítico, permitindo perceber as relações a que estamos submetidos e sua influência em nossa individualidade.

Farias (2018, p. 27) chama atenção para as exigências de uma formação que contribua para a superação das relações de poder e exploração do homem pelo homem.

A primeira exigência para a formação é uma sociedade sem desigualdades econômicas e sociais, que pressupõe indivíduos livres e radicados em sua própria consciência. A imposição de utilidade e finalidade a qualquer intenção formativa, característica do capitalismo tardio, faz com que ela se submeta a uma relação de poder, demarcando, dessa maneira, limites para o pensamento.

Portanto, a formação para a emancipação e a autonomia deve despir-se de finalidades pragmáticas e promover o desenvolvimento do humano em todas as direções, tendo como

elemento balizador o pensamento crítico, de modo a expor e fazer refletir sobre a distribuição desigual de bens materiais e imateriais na sociedade.

4.2 Leitura e Formação

Dentro da dinâmica capitalista, na qual a ordem de valores obedece à lógica da exploração e do consumo, a visão da leitura como elemento formativo assume viés bastante diferente do que acima apresentamos. O indivíduo bem formado seria alguém que passou pela escola, frequentou a universidade, consome bens materiais e culturais, está antenado às notícias das diversas mídias e contribui com o desenvolvimento econômico.

Candido (1995, p. 162) destaca que, embora vivamos em uma era de desenvolvimento intelectual nunca antes visto, a face cruel desse desenvolvimento revela que temos deixados de lado o desenvolvimento do humano.

Em comparação a eras passadas chegamos a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza. Isso permite imaginar a possibilidade de resolver grande número de problemas materiais do homem, quem sabe inclusive o da alimentação. No entanto, a irracionalidade do comportamento é também máxima, servida frequentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade.

Anterior a Candido, Adorno (1995) já manifestava sua preocupação em relação a esses aspectos. O autor lembra que a formação cultural não é suficiente para o desenvolvimento do indivíduo, destacando que a Alemanha Nazista dispunha de um grande número de intelectuais que não se incomodaram em participar dos horrores ocorridos na Segunda Guerra, apesar de sua formação.

Ambos os autores atentam para o fato de que o processo formativo, nos moldes do capital, não pode ser considerado somente problemático, mas produtor de desumanização, pois impede o ser humano de apropriar-se do conhecimento construído historicamente e de pensar sua formação de forma crítica.

Atentando a isso, Maar (2003, p. 462) destaca que a cultura, mediada pela indústria cultural, não promove o rompimento com a ideologia vigente, e sim uma integração:

A cultura tematizada no presente já não seria apreendida como ideal emancipadora, mas real conservadora ou “afirmativa”. Como resultado, legitimaria a sociedade imperante, que reconstrói como “cópia” ordenada de modo estritamente afirmativo.

Sabendo disso, e que a leitura é um dos principais meios de difusão e inserção social, ocupando papel estratégico em projetos de sociedades capitalistas ou socialistas, Silva e Zilberman (1988, p. 112-113) destacam o duplo papel da leitura:

Quando uma sociedade se divide em classes antagônicas e mostra-se desigual em diferentes níveis, a leitura pode se apresentar na condição de um instrumento de controle, empregado sistematicamente pelos setores dominantes; neste caso, essa constitui elemento auxiliar de inculcação ideológica, colaborando para a permanência de situação privilegiada de grupos detentores do poder.

Comprometida dialeticamente, a leitura também pode se apresentar na condição de um instrumento de conscientização, quando diz respeito aos modos como a sociedade (...) se relaciona ativamente com a produção cultural (...). Nesse caso, a leitura coloca-se como um meio de aproximação entre os indivíduos e a produção cultural, podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e agudização do poder de crítica por parte do público leitor.

Os autores deixam claro que a leitura não somente é passatempo, meio de evasão ou ferramenta para conseguir emprego, embora possamos ser livres e nos utilizamos dela para isso. Antes de tudo, a leitura deve ser um ato conscientemente político, no qual nos percebemos e percebemos o meio social em que nós e nossa leitura se encontram, de modo que compreendamos as contradições dispostas nos livros como nossas contradições e, por meio da leitura, possamos nos inquietar, refletir e pensar criticamente, podendo nos constituir enquanto sujeitos.

Apresentando visão parecida, Duarte (2012, p. 50) chama a atenção para a percepção de que a leitura em seu sentido amplo só “alcança sua finalidade quando cada indivíduo singular se apropria da humanidade produzida histórica e coletivamente, quando o indivíduo se apropria dos elementos culturais necessários a sua formação como ser humano, necessária a sua humanização”.

Britto (2015a, p. 24) expõe visão interessante sobre o papel da leitura, destacando a leitura de literatura enquanto arte, como meio de expor conflitos sociais e espirituais da humanidade de tal maneira que, ao passar pela vida do indivíduo, modifique-o, fazendo-o lembrar o viver e o morrer: “o problema não é simplesmente viver, o problema é saber-se vivo e saber o tempo todo que algo nos rouba a vida e o corpo em que ela se faz. O problema é saber a morte, imperscrutável, e não saber para que ou por que a vida tem de ser como é”.

Como podemos perceber, as perspectivas apresentadas consideram as contradições histórico-sociais e econômicas como elementos que influem diretamente na formação e nas visões de leitura e suas práticas, focando em questões para além do hedonismo e do pragmatismo, no intuito de promover transformação na mentalidade dos indivíduos dando condições para um pensar crítico.

No entanto, é notório que o projeto de sociedade regido pelo capital exerce influências sobre as instituições educacionais e as dinâmicas culturais e pedagógicas, trazendo como consequência a reprodução de visões de leitura enquanto fuga pelo imaginário ou um ensino-aprendizagem pragmático-utilitarista.

Britto, Casmanie e Serra (2015, p. 6), ao analisarem os programas de incentivo à leitura vencedores do concurso “Melhores projetos de incentivo à leitura” da FNLIJ, ao longo de vinte anos, destacaram as principais “forças de leitura” encontradas nos projetos vencedores, dividindo-as da seguinte forma:

Leitura e ludismo: Aprender pelo criar. O prazer, a satisfação, a realização é, nesta linha de força, a dimensão essencial da leitura. Isso implica a indústria cultural e o lazer ligeiro, uma vez que a “leitura lúdica” tem a tendência de ligar-se ao já estabelecido. O lúdico está aqui na perspectiva do prazer, do entretenimento, do lazer – a experiência se faz pelo perder-se no prazer.

Leitura e experiência/formação: considera a formação do leitor crítico, a leitura como produção de sentidos e a experiência com processo de autoconhecimento, de formação e de vivências significativas.

Leitura e cidadania: promover leitura é promover cidadania. Há a ideia de ação civilizatória, de um bem edificante em si, abrangendo aspectos como promoção de valores (dignidade autonomia) e a reparação, recuperação. Cidadania pode ser vista como processo civilizatório, de afirmação de direitos, de valores melhores da convivência (solidariedade, respeito etc.).

Leitura e ilustração: tem como aspecto central a ideia de que o conhecimento se acessa pela leitura. A leitura é veículo de ilustração, erudição. Ser culto, bem formado, ilustrado. Cidadão ilustrado é cidadão leitor. O leitor ilustrado lê literatura e as obras do espírito (filosofia, psicologia etc.), atualiza-se, instrui-se (jornal/revista/obras da informação).

Leitura e subjetivismo: considera a afirmação da subjetividade e da individualidade como marca da vida moderna. A subjetividade assim afirmada implica a ideia do sujeito protagonista do seu processo de aprendizagem. Cada um é cada um, cada leitor tem uma trajetória, e a leitura é instrumento de afirmação singular.

Leitura e utilitarismo reforça a preocupação com o letramento e a alfabetização úteis para as coisas práticas da vida, para trabalho e para a sociabilidade. Está, deste modo, submetidas à ordem da eficiência, da compensação e do ensinar para fazer, sustentando a ação pela ordem prática.

Por sua vez, em um resgate histórico, o qual lembra que o principal propósito da leitura e da escrita era o desenvolvimento industrial, Colomer (2004, p. 6), ao destacar a visão pragmatista de leitura, aponta seus fortes reflexos no campo educacional, no qual professores passaram a entender a leitura como meio para formar para o trabalho, vendo qualquer outra leitura que não fosse útil e funcional como luxo desnecessário.

A colocação da autora esbarra em simplificação, reconhecida logo em seguida por ela mesma, quando afirma ter sido um “mal-entendido bem-intencionado”. Apesar de estar se referindo ao fazer docente e a seu equívoco do entendimento, sabemos que a criação dessas concepções não tem muito a ver com equívocos, mas com projeto de sociedade que escamoteia as reais intenções da ordem vigente.

Em uma posição diferente, na qual destaca que o trabalho com a leitura deve estar preocupado em formar para a crítica de um sistema que tem como objetivo anulá-los enquanto indivíduos e coletividade, Gomes (2010, p. 294) observa que “devemos mostrar aos alunos as ideologias presentes na vida da sociedade culturalmente construída, além do ‘despertar da consciência’ quantos aos enganos a que somos submetidos, permanentemente, no interior da própria cultura”. Pucci (2001, p. 7) também critica o modelo educacional, observando que “a política educacional vigente, as propostas curriculares, os conteúdos disciplinares, as metodologias e técnicas de ensino tendem, funcionalmente, a favorecer um ensino medíocre, superficial, acrítico, empobrecido de experiências formativas.

Considerando o apontado por Pucci (2001) e por Gomes (2010), fica claro que a leitura em nada tem se diferenciado do ato de assistir a um filme, quando tratada como entretenimento, ou do ato de estudar para uma prova, quando tratada como meio pragmático. Elementos que, apesar de fazerem parte do universo da leitura, não podem ser vistos como o todo do ato de ler, pois, isoladamente, pouco contribuem para o desenvolvimento humano.

O simples hábito de ler descomprometido, sem a reflexão aguda do sentido das coisas, numa condição em que a pessoa é levada pelas circunstâncias e motivada por interesses pragmáticos (como seria para tornar-se competitivo ou ler para divertir-se e esquecer) se caracteriza pela alienação. O que é alienado é automatizado, é feito mecanicamente, sem consciência dos processos de significação e, portanto, sem capacidade de ampliação de horizontes de vida. (BRITTO, 2012, p. 49).

O apresentado até aqui mostra que, para além de promover um passatempo associado ao prazer, ao esquecimento, a leitura, principalmente de literatura, ocupa lugar importante na constituição do indivíduo, por possibilitar reflexão, suscitar sentimentos e contribuir com o desenvolvimento crítico.

4.3 A Leitura de Literatura no Processo de Formação

Dentro do sistema capitalista, temos uma cultura voltada para a produtividade e para o consumo, de modo que é inconcebível falar de formação que não tenha como fim o trabalho nos moldes do capital. Isso se dá porque em todos os âmbitos da sociedade – político, social, econômico e cultural – temos neutralizado o processo de humanização do indivíduo, prevalecendo um processo de qualificação que privilegia o instrumental, transformando todos os momentos da aprendizagem em degraus para o mercado de trabalho. Nesse contexto, a leitura, a menos que seja para ganhos objetivos, não tem visibilidade, ainda que proclamada como importante. E a literatura é ainda mais prejudicada.

Defendendo a dimensão artística, política e cultural da literatura, pois nela são con-
fidenciados sonhos, expressos anseios, tristezas, alegrias, angústias, mazelas sociais, crenças
religiosas e hábitos sociais de todas as épocas, Candido (1995, p. 179-180) aponta a importância
da produção literária para a constituição humana:

As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades
básicas do ser humano, sobretudo através da incorporação, que enriquece a nossa per-
cepção e a nossa visão do mundo; [...] fruí-la é um direito das pessoas de qualquer
sociedade, desde o índio que canta suas proezas de caça e evoca dançando a lua cheia,
até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutu-
antes de um poema hermético.

O que o autor destaca é que a literatura, enquanto arte, não pode ficar restrita a uma
visão que transforma sua leitura em técnica (escansão, identificação de elementos estruturais,
escolas literárias em que se encaixam, dentre outros muitos elementos), justamente por ser o
meio pelo qual o indivíduo reproduz a vida sobre seu viés, reinterpretando-a sem “o crivo da
indústria cultural” (MAAR, 2003), dando a oportunidade de contato com diferentes vivências
e auto-encontro enquanto ser genérico (HELLER, 2000), permitindo que transcenda a sua indi-
vidualidade em direção à universalidade humana.

Ler literatura ganha relevância justamente por sua possibilidade de significar a vida,
de representar o mundo, de nos fazer refletir e inquietar com a condição humana.

A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em
todos os tempos. Não há homem que possa viver sem ela. Isto é, sem a possibilidade
de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham
todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns
momentos de entrega ao universo fabulado. (CANDIDO, 1995, p. 174).

Centeno (1986, p. 55) colabora ao destacar as peculiaridades do texto literário nessa
mesma dimensão formativa:

O texto literário resulta de uma vontade de comunicação. Mas aquilo que o define é,
mais do que a vontade de comunicação, a sua capacidade de significar. É esta caracte-
rística que o distingue de qualquer texto normal, puramente utilitário. No texto lite-
rário não se trata só de comunicar, trata-se acima de tudo de significar (e quanto maior
a sua capacidade de significação mais literário ele será). Texto literário é aquele em
que a comunicação não se opera e não actua ao nível só consciente, mas a outro nível,
que podemos chamar simbólico, proveniente de e dirigindo-se ao inconsciente. Lite-
rária então, por se apresentar como uma forma não convencional de ver o mundo,
onde as construções das palavras das histórias são pensadas no sentido de fazer refle-
tir.

Santos (2016, p. 44) também traz visão interessante sobre o poder da literatura na
constituição humana. Ao falar de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, que traz em sua temática

a condição de vida dos retirantes do nordeste, o autor sustenta que esta leitura “amplia de forma global o drama do homem destituído de tudo; de acordo com sua ideologia, poderá ir mais longe, como rechaçar a divisão da sociedade em classes ou denunciar os latifúndios que servem para animalizar os homens”.

Nessas discussões, percebemos que há mais dimensões de formação do indivíduo do que a instrumental-pragmática. O sentido de ler literatura se faz principalmente “em promover a formação de pessoas, por meio da experiência e vivência intensa, metódica e consciente com o conhecimento em suas diversas formas de expressão” (BRITTO, 2012, p. 43). Atentando, no entanto, que não devemos nos enganar com adágios que levam a acreditar que a leitura, e somente ela, é capaz de dar redenção, de salvar o indivíduo da miséria e da ignorância. É necessário que os leitores compreendam toda a carga ideológica que cada leitura traz, o lugar dela na formação e na promoção de uma consciência autônoma.

Nesse cenário, a ideia da leitura de literatura como ato descomprometido e do seu leitor como alguém apartado do mundo, desconectado da realidade, que senta ao pé de uma árvore e se delicia com livro que “suga as palavras do livro como uma criança suga o leite da mãe” (BARTHES, 1996, p. 20) representada amplamente na mídia, tem reforçado um viés de alienação, pois, no contexto capitalista, o prazer oferecido é o prazer hedonista, aquele que anestesia, que faz esquecer as coisas do mundo.

Santos (2016, p. 20), com base no pensamento de Candido, afirma que “a literatura tem uma dimensão civilizatória e, neste sentido, uma dimensão emancipatória, pois pode tornar o homem livre de si mesmo, não necessariamente livre das amarras materiais, mas capaz de fazer a crítica da realidade.” Na mesma direção, Queirós (2009, p. 2) destaca como a literatura age na formação humana:

A literatura acolhe a todos e concorre para o exercício de um pensamento crítico, ágil e inventivo; [...] um conhecimento mais amplo e diverso ganha corpo e se instala no desejo das pessoas promovendo os indivíduos a sujeitos e responsáveis pela sua própria humanidade. De consumidores passa-se a investidores na artesanaria do mundo. Por ser assim, persegue-se uma sociedade em que a qualidade da existência humana é buscada como um bem inalienável.

Britto (2003, p. 112), por sua vez, observa que:

Promover literatura, promover leitura enquanto ação política significa que estamos interessados não em promover a leitura em si, mas sim em promover um conjunto de valores e comportamentos humanos dignos necessários para a própria condição humana, e que estão, de alguma maneira muito importante, expressos e fundamentados na experiência artística. Estão expressos e fundamentados na arte literária.

Os autores referidos deixam claro que ler literatura como atividade de formação pode ser fundamental, não no sentido de treinamento, mas no sentido de transformar o homem, dando-lhes elementos para que construa sua autonomia, criticidade, sensibilidade e racionalidade, constituindo-se um ser completo.

No entanto, devemos ter claro que a inserção deste indivíduo na cultura plena não se dá de maneira rápida ou espontânea. Vários fatores contribuem para sua (não) inserção no campo da leitura literária, sendo necessário amplo trabalho com criação de espaços de leitura, maior acesso a livros e espaços para discussão, para que a leitura seja vista como um bem que é, e direito do homem, mas que tem sido negado por muito tempo.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

5.1 O Clube de Leitura como Lugar de Pesquisa

A proposta de realizar uma pesquisa que tem no seu âmago a criação e funcionamento de um clube de leitura e verificar, ao longo desse processo, suas potencialidades como instrumento para a formação humana, revelou-se complexa. Desempenhar o papel de pesquisador e participante ao mesmo tempo trouxe uma série de impasses em relação ao posicionamento e à percepção dos fatos pelo pesquisador. A consciência disso levou a uma reflexão sobre a que procedimentos recorrer para compreender a realidade a qual me propus pesquisar.

Sabendo que a realidade é fruto de constante movimento social e histórico, sendo, portanto, dinâmica, percebi a necessidade de aproximação dos membros do grupo, no sentido de observar e conhecer como as ações do clube de leitura LIV repercutiam em sua vida. Isso exigiu, para além das conversas nos encontros, o conhecimento do contexto histórico, econômico, cultural e social dos componentes do grupo.

A realidade é uma construção social da qual o investigador participa, portanto, os fenômenos só podem ser compreendidos dentro de uma perspectiva holística, que levem em consideração os componentes de uma dada situação em suas interações e influências recíprocas, o que exclui a possibilidade de se identificar relações lineares de causa e efeito e de se generalizar (ALVES-MAZZOTTI, 1991, p. 55).

Assim, através da participação no LIV, busquei conhecer a realidade dos participantes, principalmente da equipe coordenadora, indagando sobre suas leituras, primeiros contatos (quem incentivou sua leitura, primeiros livros lidos), hábitos (que gêneros gostam, com que frequência leem, que mídias costuma usar), além das condições econômicas e educacionais da família, no intuito de compreender como percebiam a leitura.

Esse procedimento levou à compreensão de que, em consonância com as recomendações de Alves-Mazzotti (1991), quando postula a necessidade de contemplar as condições concretas de realização e participação no clube, a pesquisa, por conta das características do clube de leitura, deveria ser realizada a partir de um contexto em que, além de observar e participar da realidade, o pesquisador deveria desenvolver um processo de fazer as ações com os participantes e não para eles.

Essa perspectiva apontou para a utilização de instrumentos de pesquisa que contribuíssem na produção e coleta de dados e ajudassem na compreensão da realidade pesquisada, sem esquecer que “os aportes teórico-metodológicos devem assim se ajustar às condições e aos

problemas sob investigação, e não às preferências ou limitações dos pesquisadores.” (BRANDÃO, 2010, p. 852).

Considerando o lugar híbrido ocupado por mim enquanto pesquisador, para além da observação e do registro dos encontros do clube, incluídas as reuniões de coordenação, participei como protagonista de sua organização, envolvendo-me em todas as atividades. Minha apresentação na relação com o objeto de investigação revela-se exigência para a compreensão do percurso metodológico e credibilidade da pesquisa.

O fato de que as ações realizadas dentro do clube de leitura pretendem ir além da pesquisa, instalando um espaço permanente de discussão e formação em torno da leitura de literatura, o que destaca a vocação desta pesquisa em transformar a realidade, deu ao projeto elementos que caracterizam a pesquisa participante e traços da pesquisa-ação. Como observa Thiollent (2003, p. 15), “toda pesquisa-ação é do tipo participativo: a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é absolutamente necessária. No entanto, tudo o que é chamado pesquisa participante não é pesquisa-ação.” Esse posicionamento destaca uma questão importante: apesar de apresentarem traços em comum não podemos confundir pesquisa participante com pesquisa-ação.

De maneira mais pontual, Peruzzo (2003, p. 2) destaca a pesquisa participante como a “inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada”.

Vemos nos dois posicionamentos que a pesquisa participante traz aspectos importantes para a investigação, pois preconiza a inserção do pesquisador no ambiente a ser estudado, a busca por transformação dos sujeitos e o trabalho participativo mútuo, elementos que já se faziam presentes no projeto, mesmo antes de estabelecermos uma metodologia que atendesse a necessidade da pesquisa. Isso reforça que é a pesquisa que determina a metodologia e não a metodologia que determina a pesquisa, pois “o percurso, ou o método, está rigorosamente relacionado às principais características da pesquisa ou do estudo que se pretende realizar para a investigação da hipótese que foi apenas indicada” (PRESTES, 2012, p. 403-404).

Deste modo, mesmo com algumas flutuações no uso de instrumentos para observar a realidade e fazer a pesquisa, percebemos, conforme as definições apresentadas, que a adoção da pesquisa participante como instrumento de análise da realidade foi a que mais se adequou ao nosso objeto. O envolvimento do pesquisador, mesmo que perigoso, é algo necessário e positivo para a realização da pesquisa. Tive mais segurança para que, no envolvimento com o grupo, a produção e interpretação dos dados fossem feitas da maneira mais natural e transparente possível.

Considerando a participação dos indivíduos, entendi necessário um processo que possibilitasse que os resultados produzidos no percurso do trabalho fossem convertidos em benefícios para o grupo. Assim, de modo a apresentar como convertemos estes elementos em ações e como elas se refletiram no grupo pesquisado, destacaremos a seguir o percurso desenvolvido, pelo ponto de vista do pesquisador.

5.2 O Pesquisador

Destacamos anteriormente que, em 2017, já existia um espaço caracterizado como clube de leitura. No entanto, em reunião, da qual participei, juntamente com alguns estudantes pertencentes ao Lelit e com seus coordenadores (Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto e Prof. Dr. Zair Henrique Santos), foi apresentada proposta de reestruturação desse clube, da qual eu faria parte da coordenação, contribuindo com a implantação e funcionamento do projeto ao mesmo tempo em que realizaria a pesquisa.

A proposta apresentada foi bem recebida pelos participantes e, tendo em vista que alguns desses membros já faziam parte do mesmo ambiente de estudos que eu, minha inserção como membro da equipe coordenadora deu-se sem conflitos.

Juntamente a mim, para dar funcionamento às ações do clube, foram designados quatro estudantes de graduação, três bolsistas e uma voluntária, além de outras duas estudantes de graduação, que seriam responsáveis pelas ações virtuais do Lelit, criando um blog e um vlog, os quais atenderiam ao clube de leitura, no intuito de divulgar tanto as ações do Lelit, quanto as do clube de leitura, aliando meios tecnológicos à promoção da leitura. A criação destas mídias surgiu da proposta de duas bolsistas do grupo que realizariam pesquisa sobre o tema e desenvolveriam estes canais com o objetivo de ampliar as potencialidades de promoção de leitura do Lelit. O blog tem atendido a divulgação da produção escrita dos participantes, por meio de impressões de leitura, resenha e divulgação de eventos. Em uma versão diferenciada e mais em voga, o vlog tem sido utilizado para a divulgação de poemas (por meio de declamação), livros (por meio de leitura em voz alta) e dicas de leitura.

À medida que os encontros da equipe de coordenação começaram a acontecer, surgiam questionamentos sobre como ocorreriam: de que trataríamos? Que obras seriam utilizadas? Isso me fez compreender a necessidade de conhecer as expectativas dos membros quanto ao clube e seus repertórios de leitura, a fim de traçar caminhos que permitissem um consenso sobre os questionamentos e nos fizessem refletir sobre que deveria ser proposto pelo clube.

Postas essas necessidades, uma das estratégias que adotamos foi a observação participante, por entender que ela é:

O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquela associação (LOFLAND; LOFLAND, apud MAY, 2004, p. 177).

May (2004) explica, ainda, que, na dinâmica social em que vivemos, é necessário acompanhamento interno a esse movimento, participando dessas mudanças para melhor compreensão das transformações ocorridas no grupo, pois “quanto mais variadas as cenas de interação que são vistas e as circunstâncias experienciadas, mais se pode entender as ações nos contextos sociais” (MAY, 2004, p. 177). Essa perspectiva me fez perceber de modo mais claro que as mudanças, em qualquer ambiente, acontecem de forma dinâmica e que o recorte feito pelo levantamento dos clubes e a pesquisa bibliográfica, apesar de importantes, não bastariam para responder ao questionamento da pesquisa. Era necessário o olhar atento para percebê-las em seu pleno movimento.

Foi usando os pressupostos da observação participante que pude conhecer de perto as dinâmicas do clube de leitura e muitos dos percursos formativos vividos, principalmente por parte dos membros da equipe coordenadora. A observação me permitiu conhecer as dificuldades materiais e subjetivas de alguns participantes e possibilitou que o grupo pudesse traçar alternativas para o funcionamento do clube e para a sua formação.

Durante o acompanhamento, pude perceber que, apesar de alguns pontos da dinâmica do clube se estabelecerem sem critérios teóricos precisos, as ações começaram a ser desenvolvidas. Na primeira reunião, definimos que os encontros da equipe organizadora seriam semanais e os encontros do clube, quinzenais.

As primeiras reuniões da equipe de coordenação se davam com pouca participação da maioria dos membros do grupo, deixando claro que parte deles não se sentia confortável para manifestar-se e tampouco tinha reflexão profunda sobre o clube de leitura.

Embora o grupo de coordenação fosse composto por sete membros, inicialmente, três destacaram-se na liderança: Gisele Gomes, que coordenava o grupo de leitura anterior; Daiane Bezerra, voluntária, que se revelou a participante com maior repertório de leitura; e eu, que desenvolvia o duplo trabalho de pesquisador e participante.

Nos encontros da coordenação, transpareceu que, apesar da boa vontade do grupo, a equipe inteira não sabia propriamente o que seria um clube de leitura e como fazê-lo funcionar. Assim, as primeiras ações pensadas focavam no operacional e eram propostas pela então

liderança. Nas reuniões, eram divididas tarefas, como leitura compartilhada, apresentação do autor, reserva do espaço e divulgação. Juntamente a isso, o grupo decidiu como seriam determinadas as leituras – se todos leriam os mesmos livros ou cada um escolheria sua obra –, optando pela primeira. Assim, os membros da coordenação apresentavam alguns livros e, a partir de critérios como extensão do texto, temática, linguagem e acessibilidade do livro, a obra era escolhida.

Percebi que as opções adotadas para o funcionamento do clube poderiam contribuir com o reconhecimento da realidade dos membros da coordenação: quanto tempo é dedicado à leitura? Quais os gêneros mais lidos? E quais os critérios de escolha das obras? Com isso, percebi que meu repertório de leitura era limitado e permeado por uma visão utilitarista. Ao poder comparar a leitura realizada pelos membros da equipe de coordenação às realizadas por mim, notei que a maioria deles tinha um conjunto mais variado de leitura, desde autores contemporâneos, menos conhecidos, a autores “clássicos” como Machado de Assis, José de Alencar, ao passo que as minhas leituras eram, em sua maioria, de autores canônicos, principalmente aqueles presentes nos currículos escolares.

Isso trouxe uma reflexão importante na questão da leitura docente. Britto (2003, p. 156) destaca, ao falar do “leitor interdito”, que o professor atual tem seu trabalho reduzido à posição de mero aplicador do prescrito pelos livros didáticos. Avalia que, nas condições às quais somos submetidos, nos é tirada a posição de pensador, tornando-nos “capatazes”. Assim, o processo de pensar, produzir e propor trabalhos que possam atender os alunos e ajudar no desenvolvimento do docente são limitados às prescrições dadas por outras instâncias.

Isso deixou evidente que minhas condições materiais enquanto docente são limitadas, pois o exercício da função, nos moldes como ocorre, cerceia minha capacidade de pensar para além da sala de aula e as leituras limitam-se àquelas que estão no universo do meu ofício. Dentro desse caminho, umas das principais dificuldades enfrentadas por mim foi tentar mudar um percurso de vida em que estava arraigada a ideia de leitura utilitária.

Praticamente limitado à escola, meu contato com o livro e com a literatura aconteceu com “as leituras obrigatórias” do vestibular, já no ensino médio. Antes, minhas recordações de leitura são de minitextos que vinham nas cartilhas, claramente pretextos para aulas de gramática. Ao entrar na universidade, ampliei um pouco meu contato com a leitura, muito em decorrência do fato de cursar Letras. De lá até aqui, dez anos depois, tudo o que li foi ligado à produção de aulas e, em um caso ou outro, livros que me chegaram às mãos por indicação de alguns poucos amigos leitores.

Destaco essa pequena contextualização para aclarar que, enquanto pesquisador e participante, tive que redobrar esforços para equilibrar minha formação leitora aos propósitos do LIV, tendo como agravante a necessidade de conciliar a leitura teórica sobre clube, sobre formação, e a pesquisa de instrumentos que pudessem me auxiliar na observação e interpretação da realidade e, ainda, ajudar as ações do clube. Esse percurso, apesar de sofrido, permitiu que a realização da pesquisa e o desenvolvimento do clube tivessem ganhos significativos, pois garantiram um norte para a compreensão fundamentada do que seria criar um clube com posições formativas.

Em relação ao processo de discussão das obras, revelou-se importante instrumento de percepção do conhecimento de cada um sobre o tema e das possibilidades de trabalho com o clube. As primeiras reuniões serviram para traçar um panorama do que o grupo precisaria conhecer a respeito de leitura, clube de leitura e literatura. Assim, propusemos uma rotina de estudos que, no entanto, não se efetivou, pois, segundo o relato da maioria dos participantes, estavam todos sobrecarregados com as disciplinas dos cursos. A proposta foi retomada em junho de 2019 e os encontros de formação passaram a ser realizados a cada 30 dias, com temas como formação humana, formação do gosto e leitura.

Essa construção de conhecimentos é destacado por Franco (2016, p. 516) ao dizer que “criar um universo cultural coletivo é uma tarefa fundamental do pesquisador em pesquisa-ação, no entanto, precisa fazê-lo na perspectiva de construção coletiva, de buscar participação, permitindo a contribuição de todos”, ao qual usamos por aproximação em nossa pesquisa.

Com os trabalhos formativos em curso, criei momentos em que membros da equipe coordenadora precisariam assumir protagonismo dentro do grupo, tornando-se responsáveis por tomada de decisões, provocando e conduzindo as discussões do clube, produzindo textos escritos e manifestando-se criticamente em relação às escolhas. Essa perspectiva apontou para o destacado por Franco (2005, p. 486) de que a voz do sujeito deve ser considerada não apenas como registro para o pesquisador, mas como parte do processo de construção da investigação.

Com os participantes, inclusive em posição de protagonismo, pude identificar suas dificuldades e traçar caminhos importantes para minimizá-las.

Identificadas tais dificuldades, paralelamente às reuniões do clube, realizei pesquisa bibliográfica no intuito de entender o que é um clube de leitura, seu sentido, as estratégias e condições necessárias para a participação do público juvenil. A reflexão sobre esses aspectos permitiu que fossem realizados ajustes importantes a essas ações, bem como serviu de apoio para a construção da revisão conceitual da pesquisa.

As pesquisas e o processo formativo nos levaram a adotar postura reflexiva. Aliamos às reuniões quinzenais atividades como encontros literários, saraus, visitas a espaços públicos e comunidades indígenas, apreciação de obras cinematográficas, além de um processo formativo teórico contínuo. O intuito dessas ações era proporcionar momentos de formação, tendo por princípio o diálogo igualitário, democrático e a ampliação do conceito do papel da leitura de literatura como constituinte da formação intelectual, sensível, ética, política e crítica.

Passando a entender que as ações do clube de leitura deveriam promover a formação do indivíduo por meio do diálogo sobre obras literárias e percebendo, durante os encontros, o papel ativo que os membros da coordenação começaram a assumir, notei que o diálogo nos encontros de coordenação, aliados aos encontros quinzenais, constituía importantes elementos de formação crítica, cultural, social e política. Participar e estimular os diálogos, a partir do observado até aquele momento, pareceu um importante meio pelo qual percebíamos as ações ao mesmo tempo em que se realizava o processo formativo.

Nesse contexto, para o desenvolvimento do diálogo surgiu como desafio a criação da relação sujeito-sujeito, superando a disparidade entre jovem-adulto, mediador-mediado, estudantes de pós-graduação-estudantes de graduação, estudantes de ensino superior-estudantes de ensino médio, além da superação da visão *apriorística* por parte do adulto sobre o conceito de juventude, o que influenciou no modo de percepção sobre o objeto (CASTRO, 2008).

Consciente disso, busquei apreender alguns elementos importantes para traçar, posteriormente, as eventuais mudanças ocorridas durante o processo formativo da equipe coordenadora, a saber: como entendiam a importância da leitura? Que livros consideravam importantes? Quais eram as temáticas de seus interesses? Qual era sua visão sobre clássicos? Como e se relacionam a leitura com a vida? Entre outras questões.

Dentro deste contexto, entendi necessário superar convicções pré-fixadas por ideologias dominantes e que permeavam minha visão enquanto pesquisador, como: “as leituras eleitas por eles eram de menor valor”, “eram manipulados pela indústria cultural”, “seus pontos de vista sobre leitura eram limitados”. Essas mudanças no coordenador, decorrentes das ações na pesquisa, são lembradas por Minayo e Guerreiro (2013, p. 1106), que destaca que “igualmente não só os indivíduos e as comunidades se modificam diante do pesquisador, como também o pesquisador modifica a si mesmo e a sua atuação, dependendo da empatia e do envolvimento que cria com os interlocutores”.

Assim, ao desempenhar o duplo papel de pesquisador e participante, entendi a importância em adotar postura reflexiva, crítica e interativa. Como destaca Brandão e Borges (2007, p. 54), ao falar da pesquisa com coletivos:

A relação tradicional de *sujeito-objeto*, entre investigador-educador e os grupos populares deve ser progressivamente convertida em uma relação do tipo *sujeito-sujeito*, (...). É através do exercício de uma pesquisa e da interação entre os diferentes conhecimentos que uma forma partilhável de *compreensão da realidade social* pode ser construída.

Embora a realização da pesquisa não seja com grupos populares, como no descrito acima, essa estratégia colaborou para a aproximação gradativa e sistemática e para o funcionamento do clube de leitura.

Ficou claro, no decorrer da pesquisa, que, apesar de haver a proximidade entre membros da equipe coordenadora, enquanto membro do grupo de estudos, era necessária a preparação para essa nova forma de olhar para o grupo, fato que só poderia acontecer se realmente eu me inserisse na realidade deles. A aproximação só ocorreu com o passar do tempo, com a convivência diária com o grupo, com a realização das ações internas e externas, o que permitiu, a partir de conversas informais, que eu pudesse conhecer sua história de leitura, suas dificuldades e resistências em relação a algumas ações.

Nesse período, ficou evidente o risco de posicionamento parcial na pesquisa, pois a aproximação aos participantes poderia me levar a conclusões frágeis e prejudicar a análise dos fatos, comprometendo o trabalho. No entanto, minha participação no ambiente pesquisado era parte imprescindível da pesquisa, uma vez que o envolvimento pesquisador-objeto contribuiu para a melhor compreensão do significado dos dados produzidos (ALVES-MAZZOTTI, 1991).

Portanto, adotei uma postura cercada de cuidados com a imersão no ambiente de pesquisa, preocupando-me para que meu envolvimento não prejudicasse a percepção dos fatos; que nos encontros da equipe coordenadora os participantes chegassem a uma autorreflexão sobre suas ações e seu processo formativo; que a relação entre os membros do grupo fosse horizontal, respeitando as diferenças entre seus participantes; e com o não prejuízo do andamento das atividades do clube em favor da pesquisa.

5.3 A Revisão Bibliográfica sobre Clubes de Leitura

Já havíamos destacado que o estudo sobre clubes de leitura em nosso país é pouco explorado. Como a maioria das iniciativas desses espaços são informais e não se pretendem formativas, a atenção para as possibilidades de formação desses clubes são bastantes difíceis de se encontrar. O que encontramos foram inúmeros manuais sobre como organizar clubes, sem reflexões, sem base teórica consistente e eivados de senso comum.

Assim, um dos meus principais questionamentos foi: como trazer uma discussão aprofundada em relação aos clubes de leitura se as bases teóricas no Brasil são frágeis?

O primeiro levantamento durou cerca de dois meses e permitiu conhecer o contexto de criação dos clubes, como se realizam e suas propostas de trabalho em outros países, além de como, em muitos casos, os clubes de leitura fazem parte de um plano maior de promoção de ações de formação por meio da leitura. Isso deu base para que, junto com a equipe coordenadora, traçássemos caminhos sobre como implementar as ações no LIV e que elementos poderíamos investigar inicialmente.

O levantamento bibliográfico permitiu conhecer e apresentar o objeto em suas diversas formas de realização, tanto em relação aos objetivos e formas de mobilização, quanto aos ambientes que propõem e acolhem as iniciativas, institucionais ou em organizações espontâneas em espaços privados, permitindo chegar à conclusão de que cada clube tem suas nuances e que é necessário bastante atenção para acompanhar seus movimentos.

Após isso, pude aplicar o conhecimento aprendido no levantamento bibliográfico na implementação do LIV, reorientando ações como a escolha de títulos, variação dos espaços de encontro, promoção do contato com outras formas de arte e na proposição das discussões – ações que deram consistência ao trabalho formativo, permitindo que os participantes se aproximassem do clube e que a equipe coordenadora ganhasse maturidade crítica tanto em relação à leitura quanto às ações do clube.

5.4 O Levantamento dos Clubes de Leitura na Internet

Ponto colocado no decorrer da pesquisa, o levantamento sobre clubes de leitura no Brasil foi o último elemento a ser realizado neste trabalho, porém se revelou importante instrumento para a análise do LIV. Foi a partir das descobertas realizadas em relação a diversidades de clube de leitura no Brasil que pudemos entender questões como o acesso a obras, a (não) participação de alguns membros, como as visões de leitura determinam os rumos do clube, entre outros elementos.

O levantamento sobre os clubes de leitura nos permitiu ainda conhecer um pouco mais a diversidade desses espaços, seu lugar de realização, principal público leitor, visão de leitura e objetivos de cada clube. Infelizmente, por conta do distanciamento geográfico e da amplitude da pesquisa, tornou-se inviável conhecer de perto esses clubes.

A ideia do questionário foi contemplar os principais pontos de realização de um clube de leitura. Algumas questões serviram como perguntas indiretas para verificar se as respostas às perguntas diretas se confirmavam. Isso aconteceu na pergunta um, na qual pudemos identificar os objetivos dos clubes e como veem a leitura, e ser confirmado na pergunta cinco,

na qual pudemos perceber a dinâmica do clube, mesmo que de forma superficial, e confirmar se condizem com os objetivos apontados. A pergunta seis, que a maioria não respondeu, também serviu para saber se clubes se percebiam como espaços formativos.

A partir da observação do LIV, ficou evidente que o acompanhamento presencial dos clubes seria o ideal, no entanto consideramos que os dados produzidos deram conta de levantar reflexões sobre as condições de realização desses clubes no Brasil e deram apoio importante para a realização das ações do LIV. Destaco ainda que os dados produzidos, para além das estruturas formais apresentadas na revisão bibliográfica, permitiram perceber a dinâmica dos clubes e refletir sobre as condições de leitura em nosso país.

Munido de elementos para a melhor compreensão das dinâmicas do clube, passei a observar com outro olhar as ações de leitura realizadas pelo grupo dentro e fora dos limites da instituição ao qual está ligado.

5.5 Os Encontros Realizados no LIV

Com encontros quinzenais, ao longo de um ano e meio, o LIV realizou em 2018 oito encontros presenciais de leitura. No primeiro encontro, quando fizemos a apresentação do clube e sua proposta, realizamos a leitura de trechos de “O pequeno príncipe”, de Antoine Saint-Exupérie; do poema “O amor é uma companhia”, de Fernando Pessoa; e “A moça tecelã”, de Clarice Lispector. Nos encontros seguintes, implementamos as atividades normalmente, quando lemos e discutimos: “Felicidade clandestina” e “A quinta história”, de Clarice Lispector; “Cinco minutos”, de José de Alencar; “Noites na Taverna”, de Alvares de Azevedo; “O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá”, de Jorge Amado; “Descanse em paz, meu amor”, de Pedro Bandeira. Além disso, assistimos ao filme “Deuses do Egito”, em uma proposta de aliar outras formas de arte às práticas de leitura, que surgiu a partir de uma das histórias lidas dentro do livro de Pedro Bandeira.

O primeiro semestre de implementação do clube foi um grande desafio para a equipe coordenadora, que encontrou grande dificuldade em pensar um clube de leitura com proposições formativas. As leituras listadas foram propostas sem planejamento. As escolhas eram feitas a cada semana e não segundo um calendário, acrescentando-se o pouco aprofundamento do porquê de suas escolhas.

Iniciadas as ações, percebi que as três primeiras propostas não contemplaram as possibilidades de recepção nem a capacidade leitora dos participantes. E, embora todos os membros da equipe coordenadora participassem das ações, ficou evidente que alguns dos membros não dispunham de segurança para manifestarem-se e discutir novas proposições.

Em 2019, já com um pouco de maturidade, a equipe fez um esboço das leituras que poderiam ser trabalhadas e as desenvolveu no decorrer do ano, havendo algumas alterações. As leituras foram: “A metamorfose”, de Franz Kafka; “A cartomante”, de Machado de Assis; “O retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde (adaptação); “O pequeno príncipe”, de Antoine de Saint-Exupérie; os contos “Bárbara” e “Teleco, o coelhinho”, de Murilo Rubião, conjugado com a apreciação das imagens do livro Bárbara, ilustrado por Marilda Castanha. Também realizamos a apresentação do filme Capitão Fantástico; assistimos ao filme “Eu não sou um homem fácil”, que serviu de base para a discussão do livro da semana seguinte – “O papel de parede amarelo,” de Charlotte Perkins. Lemos o livro “a poeta X”, de Elizabeth Acevedo, e encerramos o ano com a leitura dos contos “O corvo” e “O gato preto”, de Edgar Allan Poe.

Além dos encontros normais do clube leitura, participamos do Lelitiano, encontro mensal organizado pelo Lelit para o conhecimento de uma obra ou autor específico, nos encontros que abordaram a obra “as Mil e uma noites” de Geraldine MacCaughrean e a vida e a obra de João Anzanello Carrascoza.

Também participamos das atividades de organização do “Seminário de Literatura Infantojuvenil”, realizado anualmente pelo Lelit no qual o principal tema é leitura de Literatura e formação, bem como participamos declamando poemas de cunho social no “Sarau do Bartô”, atividade que faz parte do evento. Com resultado positivo no sarau, a equipe organizadora do LIV gravou uma série de vídeos de declamação e os disponibilizou no canal do Youtube do Lelit.

Outra importante atividade desenvolvida foram as visitas a comunidades indígenas do Rio Arapiúns, quando realizamos atividades de leitura e discussão do conto “O primeiro beijo”, de Clarice Lispector, e do trecho do livro “Descanse em paz meu amor”, de Pedro Bandeira. Visitamos a comunidade de Ipaupixuna, realizando o mesmo trabalho. A visita foi importante para que nós, membros da equipe coordenadora, percebêssemos as reais condições de leitura das comunidades que se distanciam dos centros urbanos, conhecendo a estrutura das escolas, as condições sociais e econômicas da comunidade e a falta de acesso a livros.

Realizamos, ainda, evento comemorativo de aniversário de um ano do LIV, organizando uma série de três palestras sobre clube de leitura, livros de imagem e literatura infanto-

juvenil. As palestras foram utilizadas como forma de angariar recursos para a aquisição de livros para o clube de leitura.

2019, em comparação a 2018, revelou de forma evidente a mudança no comportamento da equipe coordenadora, que passou a apresentar postura ativa e a pensar o clube de maneira aguda. As propostas de leitura, principalmente a partir da segunda metade do ano, ganharam uma perspectiva formativa importante. As obras, antes de serem propostas, eram discutidas no grupo de organização e pensadas em sua dimensão discursiva. Os participantes passaram a propor, de maneira enfática, as ações do clube e a assumir tarefas como organizar e provocar as discussões. E o clube começou a ser entendido não somente como o dia do encontro, mas como o conjunto de ações realizadas dentro e fora das reuniões, que contribuíam no processo formativo, principalmente dos organizadores.

Em relação a 2020, a equipe coordenadora já tem organizado o calendário de leitura e estamos articulando para que os livros propostos estejam disponíveis fisicamente aos participantes. Para isso, estamos fazendo um esquema de rodízio, com, pelo menos, quatro títulos. Ainda em 2020, conseguimos realizar dois encontros, um abordou o conto “A moça Tecelã” de Clarice Lispector, e o outro o conto “O Horla” de Guy Maupassant.

Nossos encontros estão, atualmente, suspensos por conta da pandemia do Coronavírus. No entanto, por iniciativa de uma participante do clube de leitura, Luanna Oliveira, em parceria com os demais membros da equipe coordenadora, e do Lelit, criou-se o “Lelit indica”, que sugere contos de domínio público para leitura durante a quarentena. Nessa lista são propostos os contos e já fornecidos os links para acesso aos títulos.

De maneira geral, o acompanhamento das ações permitiu visão ampliada do modo de funcionamento dos clubes de leitura, dos elementos que envolvem a participação e a criação de um espaço de interação, bem como o processo de amadurecimento da equipe organizadora.

5.6 Discussão Conceitual sobre Leitura e Formação

A discussão conceitual sobre leitura e formação orientou a observação dos encontros do clube de leitura em todas as suas ações e discussões, tendo em vista a apreensão e a análise da perspectiva formativa que a participação no clube proporcionou aos estudantes de graduação e de pós-graduação que integram sua coordenação.

A temática revelou-se de difícil compreensão, mas deu as bases para que pudéssemos compreender as relações sociais e as consequências delas na leitura.

Bem como a maioria do material utilizado para a pesquisa sobre clubes de leitura, boa parte dos textos usados foram adquiridos da internet em sites de domínio público, justamente pela falta de títulos físicos nas bibliotecas pesquisadas, deixando claro um fato que constatamos na pesquisa: ainda temos pouco acesso a muitas obras da cultura escrita.

O levantamento bibliográfico sobre leitura e formação serviu de material formativo para os membros que compõem a coordenação do clube de leitura. Com ele, organizamos os encontros nos quais apresentamos conceitos desconhecidos por eles, como o de semiformação e Indústria Cultural. Tais encontros, por conta da necessidade da pesquisa e de criação do clube, aconteciam concomitantemente, de modo que muitas das descobertas, ao mesmo tempo em que serviam de suporte para a pesquisa conceitual, contribuía no desenvolvimento do trabalho do clube.

Durante esse período, ficou claro, a partir da realização do trabalho formativo, que boa parte dos membros da equipe coordenadora, incluindo a mim, tinha pouco ou nenhum domínio sobre questões teóricas sobre o processo formativo. Desse modo, as ações teórico-formativas, aliadas ao trabalho, na prática, vieram a contribuir para o desenvolvimento do grupo nesse sentido.

Isso deixa claro que a opção pelos percursos escolhidos contribuiu para que tanto o clube quanto a pesquisa pudessem ocorrer de maneira satisfatória, permitindo que, ao mesmo tempo em que realizávamos as ações, avaliando-as e reavaliando-as, pudessemos compreender os limites e as possibilidades do LIV como espaço formativo.

6 CLUBE DE LEITURA LIV: CONSIDERAÇÕES SOBRE DIFICULDADES E POSSIBILIDADES

O trabalho realizado até aqui nos permitiu aprofundar de maneira satisfatória os elementos destacados na revisão conceitual, de modo a tecer reflexões acerca das ações do clube de leitura LIV, identificando suas dificuldades e possibilidades como espaço formativo, sem desconsiderar os elementos influentes para o desenvolvimento e aprimoramento de suas ações durante todo o processo.

Ao longo da pesquisa no clube de leitura LIV, percebemos a existência de inúmeros elementos que se revelaram entraves para que suas ações pudessem ocorrer de maneira satisfatória, uma delas está ligada às condições de acesso à leitura.

Situado em uma região distante dos grandes centros culturais do nosso país, o LIV teve como um dos seus grandes percalços o pouco acesso a manifestações artísticas e políticas públicas de fomento à cultura, oferecidas em nossa região.

Essa distribuição desigual de bens culturais evidencia que, embora vivamos em plena revolução tecnológica, não estamos, aqui na região norte, só distantes geograficamente, mas também culturalmente de ações e espaços que fomentem e contribuam para o acesso a ambientes educativos que permitam o desenvolvimento pleno do indivíduo.

[Vivemos em] uma região distante dos grandes centros de cultura e apartado das decisões políticas e econômicas do país, lugar onde as distâncias são grandes e a mobilidade difícil – qualquer deslocamento é sempre um processo complexo, sair de uma comunidade para ir à sede da cidade (que tampouco é de fácil acesso em âmbito estadual ou nacional) é algo que leva dia. São povoados onde há pouca disponibilidade de recursos de cultura e informação, com telefonia delicada, internet fragilíssima, praticamente nenhuma circulação de jornal, baixíssima circulação de revistas (as que há são de assuntos práticos e midiáticos), pouca circulação de livros (e os que há são concentrados naqueles que vêm pela escola ou paradidáticos, de autoajuda ou divulgação geral, tipo biblioteca *blue*). (SANTOS, 2016, p. 54).

Dito isso, chamo a atenção para o fato de que, para além dos discursos vagos de promoção da leitura, existem regiões que demandam políticas públicas sociais e de leitura, pois as condições objetivas impedem o contato intenso com a cultura letrada. Isso significa que a oferta de bens culturais, para que sejam efetivas, devem ser realizadas tanto na ordem objetiva, conforme destacou Santos (2016) ao enfatizar os elementos negados a essas comunidades, quanto na ordem subjetiva, como lembra Britto (2015b), ao falar das condições culturais, conceituais e políticas de acesso à leitura.

Tendo uma de suas proposições baseadas no postulado de que o clube deve proporcionar a possibilidade de escolha do leitor, além de proporcionar o contato com as mais variadas

manifestações artísticas como o teatro, música, cinema, a equipe coordenadora sentiu de perto as dificuldades de uma cultura que prima por uma formação técnica que relega à arte um lugar desprivilegiado na constituição humana, o que remete ao que Britto (2003) e Adorno (1996) destacam em relação às condições objetivas, ao lembrarem que constituem elementos fundamentais para que o indivíduo possa participar do social.

No âmbito do clube, um desses reflexos foi sentido em relação à disposição dos títulos, tendo em vista alguns não constarem no acervo da biblioteca, e outros não disporem de mais de um exemplar, inviabilizando o atendimento da demanda dos participantes. Com vistas a minimizar essas questões, a solução encontrada pela equipe coordenadora foi a utilização de recursos dos próprios coordenadores e a organização de um evento de aniversário do clube, no segundo semestre de 2019, no qual cobramos a participação. Com isso, conseguimos recursos para adquirir cerca de 20 títulos em 2019.

Em 2020, decidimos que seria utilizada a seguinte estratégia para abrandar essas dificuldades: aliado aos títulos disponíveis na biblioteca Ruy Barata, da Ufopa ou da Biblioteca Bartolomeu Campos de Queiro, a coordenação do clube, por meio dos recursos levantados com o evento, iria adquirir mais um título, os membros do clube, em grupo, adquiririam mais um, e eu, como servidor da instituição e membro da coordenação, adquiriria outro, totalizando quatro títulos. Número que, apesar de aquém do ideal – que seria um livro para cada participante –, consideramos suficientes para atender os membros do clube.

Pensando no tempo de leitura de cada título e buscando oportunizar a todos os membros o acesso aos títulos propostos, a equipe de coordenação fixou um calendário no qual o tempo de leitura é de pelo menos dois meses de um título para outro. Nesse espaço de tempo, as leituras propostas eram contos, geralmente em PDF, o que permitiu que o grupo pudesse debater pelo menos três contos antes de abordar um livro inteiro.

Essa alternativa atendeu dois grandes problemas do clube: suprir tanto a falta de acesso a livros como a dinâmica da vida cotidiana dos participantes, respeitando sua disponibilidade e dando espaço para que apreciassem os títulos com calma, o que nos remete à questão do tempo para experiência, conforme destacado por Larrosa-Bondía (2002, p. 21):

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.

Assim, mais do que somente dispor livros e lê-los avidamente, a equipe coordenadora do LIV tem procurado dar espaço para que os participantes experienciem as obras, reflitam

e, a partir da leitura, comecem a indagar as coisas do mundo como coisas suas – as inquietações, as dores, as desigualdades, as alegrias –, de modo a contribuir na constituição da sua humanidade, pois, como destaca Saviani (2003, p. 16), “o indivíduo da espécie humana não nasce homem; ele se torna homem, se forma homem”. Deste modo, a leitura dessas obras, aliadas às discussões dirigidas permitiram a criação de um ambiente discursivo bastante rico.

Ainda com relação à ausência desses exemplares, traçamos estratégias para a escolha de títulos. Com vistas a minimizar o problema e ao mesmo tempo contribuir no processo formativo proposto pelo LIV, elencamos os seguintes itens: extensão (obras em sua maioria de no máximo 200 páginas), temáticas (temas como discriminação, racismo, misoginia, religião, cultura), linguagem do texto (linguagem acessível ao público) e quantidade de exemplares disponíveis (pelo menos três exemplares ou textos em PDF de domínio público, o que ocasionou alguma resistência dos participantes que preferem o contato com o livro físico).

Os elementos descritos evidenciaram, em relação à proposta formativa do LIV, a necessidade de planejamento prévio de suas ações desde a escolha das obras, passando pela discussão que elas podem suscitar, dificuldades encontradas pelos leitores, até chegar ao público a quem nos dirigimos, respeitando suas condições de leitura – posição social e de trabalho – e de acesso a livros – condições econômicas para adquiri-los e compreensão. Estes critérios foram desenvolvidos no decorrer das ações e revelaram o amadurecimento da equipe que, ao superar a imposição de gostos pessoais, passou a pensar a formação do grupo como um todo.

Atualmente, os procedimentos de escolhas das obras envolvem, além dos critérios destacados, maior discussão do grupo, além de estar aberto às proposições dos demais participantes, tendo como critério a arguição do conteúdo da obra e a aceitação por parte da maioria dos integrantes.

Observamos, a partir disso, que a proposição de leituras, discussões e ações formativas exigem repertório amplo de leitura, profundo conhecimento do grupo e bagagem cultural diversificada, além da necessária sensibilidade para perceber quando as atividades estão sendo ou não incluídas.

Durante todo o processo, a equipe coordenadora aprendeu na prática que a realização de atividades de levar a ler envolvem muito mais que a simples vontade de dispor livros ao público ou lê-los. Esse processo de amadurecimento, ao longo da pesquisa, deu-se no esforço da equipe em promover encontros formativos e levar leitura a espaços desprivilegiados, com ações que cada vez mais buscavam dar condições para a construção de uma consciência crítica por meio da discussão da obra literária.

A partir da segunda metade de 2019, principalmente, ficou clara a consciência do grupo quanto à necessidade de instalar um espaço de resistência aos ditames do mercado editorial, bem como à necessidade de provocar discussões mais profundas das leituras. Assim, a equipe coordenadora, apesar da flutuação de suas propostas, realizou a abordagem de leituras que julgaram importantes para o processo formativo, aliando conteúdo – temas sociais, políticos e culturais – e forma – linguagem acessível, textos curtos e gêneros diversificados. Assim, por exemplo, a obra “A poeta x” da escritora dominicana naturalizada estadunidense Elizaberh Acevedo, bastante popular, com linguagem acessível e temática jovem, trouxe para o LIV a união entre temática, conteúdo e leituras atrativas proporcionando discursões importantes sobre sexualidade, adolescência, religião, imigração e raça.

Em outro momento, no entanto, notamos uma questão bastante presente com relação às escolhas das obras. A proposição de “Fahrenheit 451”, de Ray Bradbury, por sua vez, sofreu resistência ainda no processo de seleção pela equipe coordenadora, deixando evidente que, mesmo com um gênero próximo ao juvenil, a distopia, existem elementos que incorrem para a boa recepção da obra, como a linguagem, neste caso bem diferente da obra de Elizabeth Acevedo, escrita em versos; ritmo do enredo – os membros reclamaram da demora no desenrolar dos acontecimentos –, e proposição temática, aparentemente distante do interesse dos participantes. Esses relatos serviram para que concluíssemos que não existe receita em relação a leituras que prenda a atenção dos participantes e que, embora importantes, alguns títulos podem ser desprezados pelos leitores.

Conhecer leituras que proporcionem discussões de temas sociais delicados e importantes na constituição do indivíduo passou a ser elemento determinante na escolha das leituras individuais e tem produzido consciência crítica dos coordenadores, com reflexo nos encontros dos clubes, principalmente nas discussões e proposição de ações formativas.

Contudo, apesar do esforço da equipe de coordenação no desenvolvimento de estratégias para essas atividades, houve, em muitos momentos, distanciamento das leituras propostas em relação ao público das escolas, resultando em pouca participação, o que fez perceber que somente o material não era suficiente para desenvolver o trabalho. Isso levou à percepção de algumas questões importantes:

Primeiro, a construção dos gostos pessoais tem sido obstáculo de aproximação das obras. Entendemos isso a partir de Britto (2015b, p. 31), para quem a formação do gosto é constituída socialmente. Acrescentando que a indústria cultural está instalada em todos os segmentos sociais, agindo no sentido de moldar comportamentos, fica perceptível que a opção por leituras fáceis e com a mesma temática, predominantes entre esses jovens, é fruto dessa relação.

Assim, ao se depararem com leituras que exigiam mais esforço e que fugiam da realidade cotidiana dada, havia certo estranhamento e, muitas vezes, rejeição das obras.

Esse quadro evidenciou que os adolescentes têm preferência por determinadas temáticas – histórias de terror, vampiros, distopias e romances – o que nos levou a propor obras com alguns destes temas, mas com autores que não pertenciam ao seu horizonte de leitura, como “Descanse em paz, meu amor”, de Pedro Bandeira, o “Venha ver o pôr do Sol”, de Lygia Fagundes Telles, “A metamorfose”, de Franz Kafka, “O gato preto” e “O corvo”, de Edgar Allan Poe, e “O Horla”, de Guy Mapasant, para gradativamente diversificar as leituras e introduzir outros tipos de textos.

A segunda questão tem a ver com foco excessivo no operacional. Ao desdobrar esforços para implementar o clube de leitura, pensando em espaços para os encontros, atividades para deixá-lo atrativo e formas de divulgação, a equipe não centrou a atenção devida às questões formativas, principalmente quanto à indicação das obras, que ficaram, em alguns momentos, no âmbito dos horizontes de leitura da equipe coordenadora. Assim, mesmo preocupada em criar ambiente propício à aprendizagem e desenvolvimento do pensamento crítico, a equipe deixou à margem os demais participantes. A partir disso, percebemos que as atividades de formação teórica seriam importantes para que o grupo permanecesse em constante reflexão. Assim, as ações realizadas pela coordenação, a partir meados de 2019, têm incorporado questões teóricas importantes em suas práticas, permitindo constante processo de reflexão e, quando é o caso, redefinição de alguns percursos.

O terceiro ponto é o de que o clube ainda não é entendido pelos participantes como um espaço seu. Ao longo da observação, percebi, em muitos momentos, que os estudantes das escolas não se sentiam à vontade nas reuniões, deixando a impressão de que a diferença de idade e a diferença de lugar de origem – uns das escolas, outros da universidade – tendo como agravante a insegurança para falar em público, foram fatores de afastamento.

Apesar de controverso, esse apontamento é plausível quando voltamos ao observado no levantamento dos clubes de leitura na internet. Ao constatar que, para além da “vontade de ler”, destacada na revisão conceitual, como elemento fundamental para a realização de um clube, a identificação entre os membros grupo é constituinte importante para isso, de modo que a relação mais próxima entre os membros do clube contribui para a aceitação das leituras propostas e propicia uma participação mais efetiva nas ações do grupo.

A tendência de agregar pessoas com características ou interesses similares levou-nos a perceber que esses elementos apresentaram aspectos positivos e negativos dentro do

clube. Em um campo positivo, a similaridade dos participantes pode promover melhor integração do grupo, potencializando a capacidade de diálogo, tendo em vista essa aproximação. Essa mesma medida de aproximação, porém, pode incorrer em diálogos com visões limitadas, uma vez que os leitores, pertencentes a uma mesma idade, gênero ou classe, não avançam além das fronteiras de sua realidade imediata.

Um mesmo elemento pode produzir forças opostas dentro do processo formativo, daí ser necessária a reflexão sobre os rumos tomados em todo o processo educativo. E, nesse sentido, Adorno (1995) chama a atenção para esse fato:

Pessoas que se enquadram cegamente em coletivos convertem a si próprios em algo como um material, dissolvendo-se como seres autodeterminados. Isto combina com a disposição de tratar outros como sendo uma massa amorfa. (ADORNO, 1995, p. 129).

Isso quer dizer que, para além de formar um grupo que goste e leia as mesmas coisas, o clube de leitura deve propor formação de consciência em que o indivíduo ponha em questão seu próprio julgamento, modo de ver e pensar o mundo. O grupo demonstrou, com o passar do tempo e da participação de formações, estar atento para o necessário e constante trabalho reflexivo, para que não se faça adesão cega aos seus interesses, estando aberto a mudanças e a aproximações a outros grupos, independentemente de classe, gênero, raça ou idade.

Vale destacar que esses três pontos, apesar de representarem mudança de mentalidade do grupo, ainda provocam incertezas e discussões na equipe, que tem procurado alternativas para solidificar a participação do público, sem abrir mão da proposta formativa.

Com relação às ações produzidas, o espaço de realização do LIV deixou evidente que, por ser apoiado pela Ufopa, o clube dispunha de maior autonomia, mas demandava atenção para que suas ações não se tornassem demasiadamente técnicas.

Com contribuições de pesquisadores e artistas, o grupo incorporou questões importantes para o desenvolvimento pessoal dos participantes e incrementação das suas ações. Munidos dessas experiências, os membros do LIV, ao proporcionar a leitura de títulos aliando-os a ações práticas e espaços em que todos tivessem sua posição de fala e pontos de vistas respeitados, mostrou potencialidade formativa. No entanto, por conta de sua gênese – o espaço institucional –, o LIV apontou uma questão importante: as instituições formais, ao criarem clubes de leitura tentam dar caráter específicos a eles, como formar leitores, formar cidadãos e, no caso do LIV, formar pessoas. Nelas, os encontros, em sua maioria compulsórios, trazem um trabalho com a leitura dirigido e rígido, incorrendo no risco de descaracterizar o espaço do clube enquanto espaço informal de leitura – característica destacada por Galindo Bohórquez (2019, p.

95) quando fazem diferenciação em relação às ações dos clubes de leitura ligados às instituições educacionais formais e a espaços informais, dividindo-as em: pedagógicas, ligadas a instituições de ensino formais; e livre ou hedonista, ligadas, em sua maioria, a instituições informais (p. 95). Neste sentido, o grupo tem se preocupado em preservar características fundamentais de um clube de leitura, como informalidade das discussões e liberdade de escolha das obras sem deixar de contribuir com a formação do indivíduo

Outro ponto refere-se às influências externas advindas de concepções sociais hegemônicas. Ao analisar outros clubes de leitura, percebemos, principalmente em clubes ligados a instituições privadas, divisão em segmentos específicos, como infantil, juvenil ou adulto. O clube LIV não fogia a essas características: o determinismo social, no qual existe predeterminação do tipo de leitura ideal para cada grupo e que parecia exercer influência no LIV. Farias (2018) trata dessa questão ao destacar a “manipulação retroativa”, como a identificação dos desejos e necessidade dos indivíduos e a “usurpação do esquematismo” como o cálculo da recepção e fruição dos indivíduos, a autora sublinha que estes elementos não permitem nada mais que a participação compulsória na ordem das coisas ao indivíduo.

Assim, ao identificar que, nas preferências de leitura de parte significativa dos membros do grupo, pairavam títulos que não rompiam com suas expectativas nem proporcionavam ampliação de conhecimento, apesar da quantidade de livros lidos, a equipe coordenadora percebeu a necessidade de abrir-se para a transformação de seus próprios gostos. Tal amadurecimento deu-se de maneira tardia, pela necessidade de oferecer leituras diversificadas aos demais membros. Assim, mesmo resistentes, em alguns momentos, os membros da equipe coordenadora aceitaram o desafio de ler obras fora de seu horizonte, havendo casos em que se revelaram tocados e surpreendidos por alguns títulos.

No que se refere à transposição dessa postura para o grupo com um todo, a equipe coordenadora ainda tem grandes dificuldades de realizar um processo de reflexão sobre o repertório leitor com os participantes, fazendo-os pensar na preparação calculada de sua leitura pela indústria cultural. Contudo, houve momentos em que a equipe, mesmo sem as bases sólidas, buscou transpor para a prática o rompimento com títulos que pouco acrescentavam. As respostas fluuavam entre a boa aceitação e a rejeição dos títulos: “Cinco minutos”, de José de Alencar, observamos entusiasmo nas discussões; em “A metamorfose”, de Franz Kafka, surgiram debates interessantes a respeito de questões sociais e familiares bastante proveitosos; em “Noites na Taverna”, de Álvares de Azevedo, boa parte dos integrantes não conseguiu penetrar no léxico do texto.

Isso revelou que a simples consciência da necessidade de mudança, apesar de importante, não é suficiente para que ocorram, sendo necessário um processo de familiarização e, em muitos casos, desenvolvimento cognitivo, o que demanda esforço. Nesse paradigma, em um espaço em que há grande resistência à leitura de obras com linguagem mais complexa e temas que fogem à reprodução do cotidiano, fica evidente que obras com linguagem acessível e temática que reproduz o cotidiano são as que mais ganham a atenção dos participantes.

Esse quadro fez com que a equipe coordenadora passasse a colocar em pauta algumas dessas obras. O movimento teve como principal reflexão a consciência de que obras para consumo em massa pouco contribuem para a formação, mas, com trabalho planejado, podem induzir discussões importantes. Ao compreender que é dentro da realidade dos participantes que deve ser instalada uma cultura formativa, conhecendo seus gostos, dificuldades e necessidades, a equipe coordenadora do LIV entendeu a importância da capacidade leitora dos participantes e começou a pensar alternativas de ampliação das formas de ver e pensar o ato de ler.

Um último elemento observado, o uso das tecnologias midiáticas. Dentro do clube LIV, o uso das tecnologias tem se apresentado um promissor instrumento no processo formativo. Ao aliar as tecnologias à leitura, tendo como apoio Youtube, blogs, Facebook, Whatsapp e Instagram, o LIV, com o apoio o Lelit, tem conseguido potencializar seu alcance, ganhando visibilidade e utilizando a internet como meio de acesso a obras e informações.

Essas ações revelaram que o LIV, apesar da perspectiva negativa da sociedade em relação às tecnologias, tem apresentado visão positiva do uso desses instrumentos, entendendo-os como meios de propagação de cultura e que atendem duas perspectivas formativas: as dos participantes e as dos coordenadores. Na perspectiva dos participantes, mesmo que em pequenas proporções, cresceu a participação de leitores que, interessados em outros tipos de leitura ou em conhecer um pouco mais das obras discutidas no clube, acessam essas plataformas, fazendo delas uma extensão do espaço do clube. Na perspectiva da equipe coordenadora, a produção desses conteúdos tem contribuído para que a equipe organizadora se integre mais no processo formativo do clube. Ao produzir resenhas, impressões de leitura ou gravar vídeos declamando poemas, os membros da equipe revelaram aprofundamento nas leituras e sensibilidade quanto à temática.

Essa percepção traz reflexão importante destacada por Pucci (2003 p. 04) quanto ao uso das tecnologias:

Para Adorno, a tecnologia, em seu tempo, já ocupava posição-chave e produzia pessoas afinadas a ela. Ele viveu a época da expansão do rádio, das incipientes experiências televisivas, dos anos primeiros dos filmes hollywoodianos. E teve sensibilidade para captar a relação de simpatia e identificação que as pessoas estabelecem com os

objetos tecnológicos. Estes, que deveriam ser instrumentos criados para propiciar uma existência digna do ser humano, se transformaram em seres com vida própria, descolados da realidade do homem, utilizados para exigir dele amor, submissão, paixão. Geraram homens frios, turbinados pelos motores das possantes máquinas, impulsionados ao infinito pela velocidade das informações, navegantes indefesos pelos mares agitados e sedutores da *internet*. (PUCCI, 2003, p. 04).

Pucci (2003) traz à tona uma questão central em relação à tecnologia: o uso indiscriminado aliado à falta de processo formativo, o que, segundo o autor, tem como consequência a submissão quase em nível de escravidão do humano a essa ordem. Isso chamou a atenção porque, a partir da observação do LIV, ficou evidente que, ainda centrada nas atividades presenciais, as atividades virtuais do clube não ocupam lugar significativo de reflexão pela equipe coordenadora, o que traz o risco dessas ações converterem-se em mera alegoria, perdendo seu conteúdo e potencial formativo.

As atividades virtuais desenvolvidas pelos membros participantes do clube (coordenadores e participantes) revelaram a necessidade do grupo coordenador tomar a tecnologia como parceira e não inimiga da leitura; ao contrário do que muitos promotores de leitura pensam, não é a tecnologia que produz alienação, mas o uso que se faz dela. Embora muitos acreditem que cercear o uso das tecnologias, principalmente aos jovens, abriria o espaço para a leitura, a equipe coordenadora chegou a uma conclusão diferente, pois existem elementos que influem para a não leitura, dentre os quais o não acesso às tecnologias, mais que o acesso, é um deles.

Nessa complexa realidade, as condições sociais e seus inúmeros determinantes são decisivos à participação no clube e o LIV tem apresentado pontos positivos em relação às suas ações, o que nos dá a boa perspectiva de que, com a solidificação ainda em curso, o grupo possa avançar em relação às ações de formação. Isso só foi possível porque o clube teve apoio de um grupo docente que não mediu esforços para propor ambiente favorável ao seu desenvolvimento. Onde havia um grupo com pouca ou nenhuma experiência em ações de levar a ler, tivemos, a partir dessas contribuições externas e internas, mudanças consideráveis no que se refere ao desenvolvimento dos participantes, principalmente, da equipe coordenadora.

A preocupação com promover ações que já não atentavam só em levar a leitura para os demais membros do LIV, mas proporcionar discussões que suscitassem um pensamento mais agudo em relação à realidade, ganhou mais força com a participação dos membros da equipe coordenadora em eventos promovidos pelo Lelit (“Seminário de Leitura e Literatura Juvenil” e o “Lelitando”), que permitiram maior e mais aprofundado contato com questões teóricas a respeito da leitura, biblioteca e do livro com seus vários gêneros.

A participação em palestras com pesquisadores referência na área de biblioteca e leitura juvenil, como Gláucia Mollo, Fabíola Farias, Elizabeth Serra, deram condições para o grupo compreender o papel da biblioteca como espaço irradiador de cultura e sua importância como incentivadora da leitura, principalmente entre jovens. O reflexo foi a busca, por parte da equipe coordenadora, em aproximar as ações do LIV à biblioteca Bartolomeu Campos de Queirós, apropriando-se de seus títulos e recomendando leituras do acervo.

Houve, ainda, salto qualitativo em atividades organizadas pelo próprio grupo. Os membros da equipe coordenadora, ao desdobrarem esforços para dar condições de que a leitura levada às comunidades, ao mesmo tempo em que proporcionasse descontração e suscitasse discussões sobre questões importantes para os jovens, mostraram como sua mentalidade em relação às ações de levar a ler passaram por mudanças importantes. O aumento da sensibilidade em relação à proposição das leituras (se o texto seria acessível ou não aos participantes, em relação à linguagem), à ampliação do repertório de leitura (percebido nas reuniões de proposições de leitura) e às questões desenvolvidas nas discussões (sexualidade, discriminação, mudanças no corpo e na forma de pensar do jovem) deixaram evidente que a equipe coordenadora desenvolveu critérios fundamentados de escolha dos livros.

A participação em saraus também permitiu com que os membros do clube se voltassem para um lado pouco explorado pelo LIV: a arte literária poética. A constatação do pouco contato com esse gênero foi percebida na dificuldade de alguns participantes de se apresentarem na interpretação e expressão dos textos no momento da declamação, fato relatado por uma participante de ensino médio que, apesar de ser leitora ávida, apresentou, inicialmente, muita dificuldade na leitura e compreensão de poemas.

As ações do LIV, embora ainda aquém do ideal, proporcionaram-me condições importantes para que, como pesquisador, estivesse mais sensível à disparidade e à necessidade de cada participante. Ao me despir de crenças fabricadas sobre os jovens, tão discriminados na atualidade por suas opiniões, comportamentos, gostos e hábitos, pude conhecer um pouco mais da realidade de um grupo que se revelou consciente de muitas de suas ações e que, acima de tudo, tem disposição para a mudança. Respeito à diversidade, à opinião, aos gostos, conhecer outras leituras, abertura de espírito foram só alguns dos pontos que aprendi neste percurso e que, agora, nessa autoanálise, refletem em meus comportamentos não apenas como pesquisador, mas como ser humano.

Estando claro que não existe um caminho pronto para a criação de uma espaço formativo, o percurso percorrido até aqui claramente trouxe muitos questionamentos sem respos-

tas, mas desfazer certezas construídas por um ambiente excludente e que normaliza esta exclusão também se tornou um dos propósitos deste trabalho e, talvez, o primeiro passo para que possamos tomar um caminho diferente e produzir outras formas de ver e pensar a realidade acerca da leitura e das ações realizadas em torno dela, tendo a reflexão como importante instrumento e medida de novas ações a serem realizadas.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Juditi. O planejamento da pesquisa qualitativa em educação, In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 77, p. 53 a 61, maio 1991.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, Theodor W. Teoria da semicultura. **Revista Educação e Sociedade**, n. 56, ano XVII, dezembro de 1996, p. 388-411.
- ÁLVAREZ-ÁLVAREZ, Carmen. Clubes de lectura: una práctica Relevante hoy? **Revista información, cultura y sociedad**, n. 35, p. 96, dez. 2016.
- BARBEIRO, L.F.; GAMBOA, M. José. **Leitura: descoberta e partilha- o papel dos clubes de leitura**. ESECS/Instituto Politécnico de Leiria, 2014. Disponível em: http://lectibe.eu/attachments/article/178/Estudo_Leitura_Descoberta_e_Partilha_Lectibe.pdf.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução J. Guinsburg. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 6, p.51-62. Jan./dez. 2007.
- BRANDÃO, Zaia. Indagação e convicção: fronteiras entre Ciência e Ideologia. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, p.849-856, set./dez. 2010.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação**. Campinas – SP: Mercado de letras, 2003.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2012.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso: leitura e formação**. São Paulo: Pulo do gato, 2015a.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura: biblioteca e formação. Movimento por um Brasil literário**. Versão digital, 2015b.
- BRITTO, Luiz Percival Leme; SERRA, Elizabeth D'Angelo Serra; CASMANIE, Vanessa. Que leitura emerge dos melhores Programas de Incentivo à Leitura para Crianças e Jovens? – um retrato dos 20 anos do concurso. **FNLIJ**, Notícias, n. 11 ano, 2015, nov. 2015b, Encarte p.1-8.
- BORTOLIN, S; ALMEIDA JUNIOR, O. F. Memória de uma bibliotecária-personagem e a mediação oral da literatura com adolescentes. **4ª seminário em Ciência da Informação**, Londrina-PR, 2011.
- BORTOLIN, S; SANTOS, Zineide Pereira dos. Clube de leitura na biblioteca escolar: manual de instruções. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 3, n. 1/2, p. 147 - 172, jan./dez. 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.

CALVO, Blanca. **Recetas para un club de lectura**. 2012. Disponível em: <https://labiblioteca-escolar.files.wordpress.com/2012/04/receta.pdf>

CARREÑO, Oscar. El eco de las lecturas: introducción a los clubes de lectura. **Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos**, 2015.

CASTRILLÓN, Silvia. **Clubes de lectores: informe de una experiencia**. Bogotá: Asolectura, 2007.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**- tradução: Marcos Bagno; São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

CASTRO, Lucia Rabello. **Pesquisa-intervenção na infância e na juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa / FAPERJ, 2008.

CENTENO, Y. K., **A Alquimia do Amor**, Lisboa, Regra do Jogo, 1986

CHAVES, Amanda Pires; GOERGEN, Pedro Laudinor. Ética e estética na formação humana. **Exitus**, Santarém, vol. 7, n. 2, p. 331-349, Maio/Ago 2017. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/316/264>

COLOMER, Teresa. Quién promocional la lectura? **Cadernos de literatura infantil y juvenil** nº168, p.7-18, 2004.

COMAJUAN, L. Arizaleta. **Clubs de lectores en familia**. Sevilla: Junta de Andalucía. 2017.

DUARTE, Newton. A ontologia do Ser Social e a Pedagogia histórico-crítica. In: SAVIANI, Demerval; DUARTE, Newton (orgs.). **Pedagogia histórico-crítica e lutas de classes na educação escolar**. Campinas, São Paulo: Autores associados, 2012.

FARIAS, Fabíola Ribeiro. **O leitor e a leitura revelados pela Retratos da leitura no Brasil: uma análise à luz da teoria da semicultura**. Tese (Doutorado) – Escola de Ciência da Informação – Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG. Belo Horizonte, 2018.

FERNANDES, Cláudio. **História da Leitura**. 2019. Disponível em <https://www.historiadamundo.com.br/curiosidades/historia-leitura.htm>. Acesso em: 05 jul 2020.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pesquisa ação-pedagógica: práticas de empoderamento e participação. **ETD – Educ. Temat. Digit.** Campinas, SP v.18 n.2 p. 511-530 abr./jun. 2016.

FRIGOTTO, G. **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**: saberes necessários à prática educativa. 51ª ed- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FRITZEN, Celdon. Para que ler literatura? formas e limites dos encaminhamentos pedagógicos à questão. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n.22, 2013. Disponível em: revista.abralic.org.br.

BOHÓRQUEZ GALINDO, Javier Fernando. **Lectores, libros y tertulias**. Estudio de dos clubes de lectura en Bogotá. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2019.

GOMES, Luiz Roberto. Teoria crítica e educação política em Theodor Adorno. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.39, p. 286-296, set. 2010.

GUERRA, F. JIMENÉZ. Clubes de lectura: una lectura oculta. In: **Portal ibero-americano de gestión cultural, boletín Gc**: Gestión Cultural nº13: políticas de apoyo al sector del libro, septiembre de 2005.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra. 2000.

LACRUZ, M. Del Carmen Augustin; GARCIA, E. Moreira. Los clubes de lectura en Aragón: análisis descriptivo de una práctica socio-cultural de animación y promoción lectora. **Revista General de Información y Documentación** nº 26, p. 583-603, 2016.

LARROSA-BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>

MAAR, Wolfgang Leo. Adorno, semiformação e educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 83, p. 459-476, agosto 2003.

MAAR, Wolfgang Leo. Prefácio. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MANACORDA, M.L. **Marx e a Pedagogia moderna** [tradução Newton Ramos-de-Oliveira]. - Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERREIRO, Iara Coelho Zito. Reflexividade como étnos da pesquisa qualitativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, 19(4):1103-1112, 2014

MULEY, A. M. Club de lectura. **Revista digital Innovación y experiencias educativas**, nº 41, p. 1-9, 2011.

MUNITA, Felipe. **El mediador de lectura literaria**: un estudio del espacio de encuentro entre prácticas didácticas, sistema de creencias y trayectorias personales de lectura. Barcelona, ES, Universitat autònoma de Barcelona. 2014.

PASSOS, Ursula. Com raízes no século 18, clubes de leitura atraem cada vez mais adeptos. **Folha de S. Paulo**, 2017, dia 04/08/2020, s/p.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos. **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Belo Horizonte, MG, 2 a 6 Set 2003, p. 1-23.

PRESTES, Zoia. O rigor metodológico em pesquisa bibliográfica. **Ensino em re-vista**, v. 19, n. 2, jul./dez. 2012.

PUCCI, Bruno. Teoria crítica e educação: contribuições da teoria crítica para a formação do professor. **Espaço Pedagógico**, v. 8, s.n., p. 13-30, 2001.

PUCCI, Bruno. Indústria cultural e educação. In: VAIDERGORN, José; BERTONI, Luci Mara (org.). **Indústria cultural e educação: ensaios, pesquisas, formação**. Araraquara: JM Editora, 2003.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Manifesto por um Brasil literário**, 2009.

ROJO, José A. **El lector en el club**. 2008. Disponível em: <http://www.lectura.es/docs/rojo.pdf>.

SÁNCHEZ-SÁNCHEZ, Pedro. **Los clubes del libro en el mundo editorial: el caso de círculo de lectores**. Universidad de Salamanca, 2005.

SANTOS, Zair Henrique. **Entre o compromisso e a realidade: Relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação – Unicamp. Campinas, 2016.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. **Revista Brasileira de Educação** v. 15, n. 45, p. 422-590, set/dez. 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Perspectiva Marxiana do Problema Subjetividade-Intersubjetividade**. Conferência proferida no I Seminário Internacional sobre Filosofia e Educação. Passo Fundo, em 29/09/2003.

SCHMITZ-BOCCIA, Andréa. Clubes de leitura: a construção de sentidos em situações de leitura colaborativa. In: **Revista Acadêmica de Educação do ISE Vera Cruz**, v. 2, n. 1, p. 97-113, 2012.

STEFANNEL, Xandra. Da Corte para o Povo. **Revista do Brasil**. Edição 02, São Paulo, abril. 2013. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/2013/04/da-corte-para-o-povo/>.

SILVA, E. T.; ZILBERMAN. R.. Pedagogia da leitura: movimento e história. In: ZILBERMAN. R.; SILVA, E. T. (orgs.) **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 1988, p. 11-115.

THIOLLENT. Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.